

REJIANE PLATERO FERREIRA

**O MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO: HISTÓRIA,
IDENTIDADE E POTENCIALIDADES DE
DESENVOLVIMENTO LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CENTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE-MS
2010**

REJIANE PLATERO FERREIRA

**O MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO: HISTÓRIA,
IDENTIDADE E POTENCIALIDADES DE
DESENVOLVIMENTO LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local-Mestrado Acadêmico, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Profª Drª Maria Augusta de Castilho.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CENTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE-MS
2010**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: O Museu das Culturas Dom Bosco: História, identidade e potencialidades de desenvolvimento local na educação básica.

Área de concentração: Desenvolvimento local em contexto de territorialidades.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento local em dimensões sociocomunitárias com atenção em comunidades tradicionais.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local-Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação aprovada em: / /2010

BANCADA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Augusta de Castilho - UCDB

Prof^a Dr^a Dulcília Lúcia de Oliveira - UCDB

Prof^a Dr^a Margarida Maria Dias de Oliveira- UFRN

Prof^a Dr^a Arlinda Cantero Dorsa - UCDB

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre acreditaram em mim e que se empenham pela minha formação. Ao meu marido, companheiro e amigo de todas as horas que muito me ajudou nos momentos difíceis, além de sempre estar ao meu lado. “Sem vocês, provavelmente, eu não teria alcançado meus objetivos”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por te me abençoado nesta caminhada em busca de novos conhecimentos, em primeiro lugar, mas preciso expressar também minha mais profunda consideração:

À diretora do Museu das Culturas Dom Bosco, Prof^a Dr^a Aivone Carvalho, por ter me dado a oportunidade de cursar o mestrado;

À Prof^a Dr^a Dulcilia Lúcia, pela valiosa contribuição acadêmica;

À minha orientadora, Maria Augusta de Castilho, pelo apoio e principalmente pela sabedoria com que enriqueceu este trabalho;

À equipe do Museu das Culturas Dom Bosco pela colaboração e a força nesta caminhada;

Aos meus familiares pelo entusiasmado apoio e constante demonstração de carinho com que sempre me incentivaram;

A todos que me auxiliaram para a realização deste trabalho, deixo meu muito obrigado e a certeza de que este trabalho representa um pouco de todos nós.

“Eu vejo o futuro repetir o passado / Eu vejo um museu de grandes novidades!”.

Cazuza (1986)

RESUMO

Este trabalho sintetiza uma pesquisa que teve como eixo norteador verificar a interação existente entre as comunidades escolares e o Museu das Culturas Dom Bosco. Para a materialização das hipóteses levantadas, foram feitas reflexões sobre os conceitos de comunidade, território e territorialidade, identidade dentre outros. Utilizou-se como suporte referencial teorias desenvolvidas pelos estudiosos da disciplina de Desenvolvimento Local, uma vez que o Museu das Culturas Dom Bosco pode vir a ser um espaço com potencialidades para a consolidação do desenvolvimento local junto às comunidades escolares. O Museu, como espaço cultural e de produção de conhecimento, tem o dever de promover o desenvolvimento local frente às comunidades escolares, possibilitando a participação destas como gestoras de um processo capaz de apontar as possíveis deficiências do museu no tratamento de questões referentes ao aprendizado e as necessidades pedagógicas do público alvo, para que possam ser supridas, possibilitando a consolidação contínua e ininterrupta de aspectos do desenvolvimento local postos em evidência pela pesquisa.

Palavras-chave: Comunidades escolares. Desenvolvimento local. Museu das Culturas Dom Bosco.

ABSTRACT

This work synthesizes a research that had a guiding line to verify the existent interaction between the school communities and Museu das Culturas Dom Bosco. To the materialization of the accosted hypothesis, the researcher has made using reflections about concepts of community, territory and territoriality, identity and others. The researcher has used as referential support developed theories by researchers of Local Development, even that Museu das Culturas Dom Bosco can become a space with potentiality to the consolidation of local development alongside of school communities. The Museum as a cultural space and about production of knowledge, should have promote the local development alongside the school communities, giving a possibility for these institutions to work as managers of this process, where their deficiencies respect to the learning are corrected and their pedagogical needing are supplied , giving the possibility to the continuous and uninterrupted consolidation of process about local development.

Key words: School communities. Local Development. Museu das Culturas Dom Bosco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do Museu das Culturas Dom Bosco em Campo Grande	33
Mato Grosso do Sul-MS	
Figura 2 - Museu Dom Bosco	35
Figura 3 - Museu das Culturas Dom Bosco	37
Figura 4 - Padre João Falco	38
Figura 5 - Pontas de Flechas	41
Figura 6 - Bapo Kurireu	42
Figura 7 - Mesousaurus brasiliensis	44
Figura 8 - Muscovita	46
Figura 9 - Borboletas	47
Figura 10 - Mapa do MCDB	51
Figura 11 - Organograma	53
Figura 12 - Mapa da Exposição Permanente	54
Figura 13 - Exposição da Arqueologia	56
Figura 14 - Exposição Xavante	57
Figura 15 - Exposição Bororo	59
Figura 16 - Exposição Karajá	60
Figura 17 - Exposição dos Povos do Rio Uaupés	61
Figura 18- Exposição Povos de Mato Grosso do Sul	62
Figura 19 - Vista do SESC na Exposição Permanente	65
Figura 20 - Vista das Escolas na Exposição Temporária	67
Figura 21-Localização da Escola MunicipalAgrícola Governador Arnaldo Estevão	70
de Figueiredo em Campo Grande Mato Grosso do Sul-MS	
Figura 22 - Vista parcial da Escola Municipal Agrícola Arnaldo Estevão	71
de Figueiredo (2010)	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.1 PATRIMÔNIO CULTURAL	16
1.2 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE	19
1.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL	23
1.4 COMUNIDADE	27
1.5 IDENTIDADE	28
1.6 MUSEU E MEMÓRIA	30
2 O MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO	33
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS	34
2.2 O PAPEL DE JOÃO FALCO (SDB)	38
2.3 AS COLEÇÕES DO MUSEU DAS CULTURAS DOM	40
2.4 O MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO NA ATUALIDADE	49
2.4.1 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	53
2.4.2 EXPOSIÇÃO PERMANENTE	54
2.4.3 O PROJETO EDUCATIVO CULTURAL MCDB	63
3 EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO: POTENCIALIDADE DE DESENVOLVIMENTO LOCAL	69
3.1 A COMUNIDADE ESCOLAR PESQUISADA	69
3.2 VISITA À ESCOLA	71
3.3 VISITA AO MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE	95

INTRODUÇÃO

O estudo está pautado na história e identificação do Museu das Culturas Dom Bosco, dentro de uma contextualização do espaço onde se concentra o acervo, procurando-se destacar a preservação de seu patrimônio cultural e suas potencialidades para o desenvolvimento local em relação às comunidades escolares, uma vez que estas podem potencializar a consolidação deste processo em conjunto com o MCDB.

Dada as grandes potencialidades que o Museu possui para a implementação de programas e ações didático-pedagógicas que possibilitam a implantação do desenvolvimento local de forma contínua e ininterrupta é que a presente pesquisa foi realizada, enfatizando-se a importância da preservação do patrimônio cultural tangível, no sentido de interagir com a comunidade, visando a (re) construção desta manifestação cultural local, por meio da proposta de ações com possibilidades para o desenvolvimento local, abrindo espaço para as comunidades escolares atuarem como gestoras deste processo e, assim, preservar a identidade comunitária.

Destacou-se nesta pesquisa o seguinte objetivo geral: verificar o nível de conhecimento dos alunos e professores sobre o MCDB e a percepção que estes têm do Museu como espaço de produção de conhecimento, mediante aplicação de estratégias educativas que viessem a auxiliar na interpretação e avaliação dos quesitos pretendidos. Os objetivos específicos consistiram na realização de uma abordagem histórica do Museu, uma análise sobre sua identidade como espaço de produção de conhecimento didático-pedagógico, detecção das deficiências do Museu apontadas pela comunidade e o levantamento das potencialidades do Museu em um trabalho conjunto com as escolas.

Para agir como interlocutora entre o corpo docente, discente e a direção da escola estudada, a pesquisadora estabeleceu a seguinte questão norteadora: O Museu das Culturas Dom Bosco é visto como um patrimônio cultural local?

Para responder a esta pergunta, foi utilizada uma metodologia de caráter indutivo, com cortes transversais para analisar o Museu das Culturas Dom Bosco, focando in loco a percepção que os alunos das escolas que o visitam têm sobre o referido espaço, fazendo sobressair os seguintes tópicos: o histórico do Museu, o levantamento do acervo, as formas de visitas e o público visitante.

Além disto, foram utilizados suportes bibliográficos, observações in loco, aplicação de questionários e a realização de entrevistas estruturadas, destacando a interlocução entre pesquisador e pesquisado, possibilitando, assim, o encaminhamento para uma participação mais consistente e emancipatória da comunidade escolar, relacionada ao Museu como patrimônio cultural tangível e intangível, o qual constitui o corpo do trabalho.

O ponto de partida da pesquisa foi o conceito sobre museus, não somente por parte dos educandos, nosso público alvo, mas também pela sociedade em geral. Esta o designa como um espaço no qual são exibidas peças antigas ou objetos que retratam uma determinada época da história ou formas de vida já extintas. Esta visão seria a mais simplificada. Contudo, do ponto de vista da museologia, a definição de museu vai muito além do caráter exclusivamente expositivo.

De acordo com a UNESCO¹ “os museus são instituições permanentes, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, abertas ao público e que adquirem, conservam, pesquisam, divulgam e exibem, para fins de estudo, educação e fruição, a evidência material dos povos e de seus ambientes”.

Este conceito destaca o papel educativo dos museus e sua missão em divulgar o conhecimento para a sociedade em geral. O museu, portanto, é mais do que um espaço que exibe objetos os quais remontam a um período distante (ou nem tanto assim) da história. Primo (1999) ressalta que os museus devem ser entendidos como agentes de transformação social, pois têm assumido responsabilidades em relação à proteção das referências culturais e, mediante inúmeros procedimentos ao longo do tempo, foram

¹ UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Disponível em: <http://www.brasilia.unesco.org/areas/cultura/areastematicas/museus>. Acesso em 18 de junho de 2009.

estabelecidos critérios para organização, estudo, guarda e comunicação dos signos indicadores da memória, tais como objetos, coleções e acervos.

Para que os museus possam participar efetivamente do processo de desenvolvimento da cultura e na formação da comunidade, é necessário conhecer suas potencialidades e disponibilizar essas informações em uma linguagem acessível à comunidade. O habitante local deve ter a percepção sobre o que um espaço como o museu representa. Deve percebê-lo como um espaço aberto ao diálogo interativo no sentido bakthiniano².

O papel dos museus como fomentadores do Desenvolvimento Local merece um estudo minucioso e abrangente, capaz de colocar em evidência fatores que revelem as potencialidades de um museu no que se refere aos parâmetros selecionados nesta pesquisa, tendo como base aspectos teóricos que regem a área de estudo denominada Desenvolvimento Local.

Mesmo que, conforme afirmamos inicialmente, para muitas pessoas a concepção de museu seja a de um local de visitação onde são exibidas peças antigas e sem nenhum valor (esta visão, na maioria das vezes, advém não da falta de vontade ou interesse das comunidades onde o museu está inserido em conhecê-lo, mas por falta de acesso ou de oportunidade), este conceito começa a ser mudado, principalmente dentro das próprias escolas.

Paralelamente a esta mudança tem se verificado nas instituições de ensino que é de fundamental importância trabalhar com os educandos questões relativas ao patrimônio cultural, levando-os a participar ativamente na construção do conhecimento sobre os museus, para que compartilhem tal conhecimento com todos os membros de sua comunidade.

São as contribuições externas provenientes das escolas que auxiliam os museus em sua consolidação como espaços de produção de pesquisa e de conhecimento e na

² Bakthin em seus estudos sobre a linguagem, mais especificamente no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* define como diálogo um processo interativo do qual ninguém sai ilesa, ou seja, as partes envolvidas são mutuamente afetadas.

descoberta de soluções metodológicas e didáticas que favoreçam a conscientização da importância do patrimônio cultural para a re-construção da história, reforçando a identidade da comunidade na qual o museu está inserido geograficamente, instigando o sentimento de pertença.

É assim que a consolidação do processo de desenvolvimento local acontece: quando a própria comunidade participa como gestora, identificando e reconhecendo suas deficiências e/ou necessidades e tomando atitudes necessárias para resolvê-las da forma mais prática e adequada, muitas vezes, valendo-se da rememoração de danças, músicas, festas e da valorização de seus monumentos históricos, tornando-se espiritualmente mais forte.

Dessa forma, considerando o Museu das Culturas Dom Bosco como espaço privilegiado para a conservação, estudo e perpetuação da cultura material e imaterial dos povos e das relações didático-pedagógicas estabelecidas com as instituições de ensino, é que foi realizada esta pesquisa, tendo como público alvo alunos da Escola Municipal Agrícola Arnaldo Estevão de Figueiredo.

A dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro, para dar mais consistência às discussões sugeridas, procuramos organizar o “Referencial Teórico”. Efetuamos uma revisão bibliográfica sobre Patrimônio Cultural, Território e territorialidade, Desenvolvimento Local, Comunidade, Identidade, Museu e Memória. Estas reflexões tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Em seguida, foi realizado um levantamento de dados no arquivo do Museu das Culturas Dom Bosco sobre a evolução histórica da instituição e a constituição de seu acervo. Entre as figuras humanas mais estreitamente ligadas à existência da instituição, destaca-se Pe João Falco(SDB). Sua escolha baseou-se em estudos realizados por nós junto à direção do Setor de Documentação do MCDB que demonstraram o imenso valor e empenho deste salesiano para a constituição e ampliação do acervo (principalmente o que caracteriza as Ciências Naturais), além da realização da catalogação, sem a qual as coleções perderiam totalmente sua científicidade.

No segundo capítulo há explicações sobre os motivos que levaram os salesianos a optarem pela construção de um novo espaço, o qual foi descrito. Descrevemos

sucintamente como o acervo foi para transferido para a nova sede, sobre sua organização e como se definiu a estrutura funcional do museu. Dentro dessa nova estrutura, tomou-se como base a constituição dos programas educacionais que passaram a estreitar as relações museu/escolas

No terceiro e último capítulo há uma explicação sobre os motivos da escolha da escola rural, fato importante para se compreender o público alvo, suas questões e postura diante das situações propostas.

A pesquisa foi realizada com os alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Agrícola Governador Arnaldo Estevão de Figueiredo, localizada na área rural do município de Campo Grande-MS. O primeiro encontro com os alunos ocorreu na própria escola, por meio de oficinas e apresentações de slides sobre o acervo do MCDB. A partir de então avaliou-se o nível de conhecimento dos alunos sobre o MCDB. Esta avaliação que se deu por meio da aplicação de questionários previamente elaborados de acordo com o contexto vivenciado pelos alunos, possibilitou a elaboração de gráficos importantes para se chegar às conclusões finais que fecham o texto por meio de uma interpretação da realidade estudada.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Sustenta este trabalho uma análise das potencialidades internas do Museu e das potencialidades pedagógicas e culturais que podem ser caracterizadas nas relações entre o Museu, as instituições de ensino e a comunidade.

1.1 PATRIMÔNIOS CULTURAIS

Patrimônio é tudo aquilo que pode ser considerado como uma soma de bens culturais. A partir desse conceito, pode-se afirmar que a cultura é visível e palpável, podendo ser tangível e intangível. De acordo com Oliven (2003, p.77) “quando falamos em patrimônio cultural, estamos nos referindo direta ou indiretamente ao passado, o qual, a exemplo do que ocorre com a tradição, é sempre construído a partir do presente”.

Os principais elementos que compõem o patrimônio cultural apresentam-se sob diversas formas. Os bens de natureza imaterial compreendem toda a produção cultural de um povo, desde sua expressão musical, saberes, às expressões literárias, danças, festas e celebrações e sua memória oral³. Nos dias atuais as questões sobre patrimônio cultural tornaram-se latentes e discutidas em vários eventos, tais como: congressos, fóruns, simpósios, mesas-redondas entre outros (FUNARI 2006). A necessidade de se criar critérios para a conservação e manutenção dos patrimônios históricos vai além do mero objetivo de conceituá-los.

Funari (2006) dimensiona que é preciso estabelecer políticas de preservação que garantam a integridade física dos patrimônios, como também o seu valor histórico e cultural dentro dos contextos e das comunidades onde estão inseridos.

³ Disponível em:
<http://www.mt.gov.br/wps/portal?cat=Cultura%2C+Esporte+e+Lazer&cat1=com.ibm.workplace.wcm.apis>
Acesso em: 05 de julho de 2009.

Há pessoas que não conseguem perceber, por exemplo, a relevância dos monumentos para a história do local onde se encontram e muito menos a importância que representam para suas vidas, pois os patrimônios revelam parte da história de cada indivíduo pertencente a uma sociedade.

Essa constatação aponta para ações de educação cultural e lúdica inovadoras que atinjam os ambientes escolares, transformando-os em espaço de interação dialógica, capazes de permitir que as experiências culturais conduzam à identificação dos signos e códigos da cultura local e a partir daí ao conhecimento da estética da cultura nacional e de como esta se relaciona com outras culturas.

Funari (2006) argumenta ainda que esses aspectos, por vezes, não são apreciados a ponto de os patrimônios serem considerados produtos de marketing ou até mesmo fontes de arrecadação financeira, portanto, nem sempre vistos como dotados de valor histórico e cultural. É a partir do contato com o espaço que o homem começa a observar o mundo que está ao seu redor. Esta capacidade deve-se ao fato de o mesmo ser “a única espécie a possuir cultura” (LARAIA (2002, p.24).

Para Almeida (2006, p. 01) nesse âmbito, pode-se conceituar cultura como um “Conjunto de características humanas que não são inatas, as quais se criam e se preservam ou se aprimoram por meio da comunicação e cooperação entre indivíduos e sociedade”. Toda a comunidade, por mais simples que seja sua organização, possui cultura. A identidade cultural move os sentimentos, os valores, o folclore e uma infinidade de itens impregnados nas mais variadas sociedades do mundo e apresenta o reflexo da convivência humana.

De acordo com Polinari (2008, p. 02).

A cultura é composta pelo conjunto de conhecimentos compartilhados pelos indivíduos de uma população, pelo comportamento comum e aceito por um sistema de valores acordados pelos indivíduos deste grupo desta população. É também o conjunto de objetos e fenômenos materiais e imateriais produzidos por uma população, são os modos de sentir e pensar predominantes, é o modo predominante de uma população produzir e reproduzir o viver material, é também o conjunto das coisas que agregam esta população.

Dessa forma, os museus fazem parte do patrimônio cultural, exercendo importante papel no fortalecimento e na consolidação da cultura por meio do que se propõem a expor. Por outro lado, as grandes exposições organizadas nos museus ajudam a torná-los centros muito mais vivos e dinâmicos (MALDONADO, 2008).

Pensar nessa questão nos dias de hoje significa dizer que o museu é um espaço que representa a cultura dos homens, os seus objetos e suas relações locais. Conforme Hellwig (2008) o papel do museu não é só ter a função de guardar objetos e documentos, mas também de promover a interação do conhecimento cultural e patrimonial com a comunidade.

O patrimônio cultural vem a ser a marca registrada de uma comunidade, o que a identifica. Um monumento histórico, um prato típico, uma festa popular, uma narrativa podem ser considerados como patrimônio cultural, constituindo o legado de um povo para as gerações futuras. Sendo o patrimônio um legado, sua conservação é de fundamental importância para que a comunidade nunca se esqueça do valor que este possui e tão pouco se esqueça de seu próprio valor.

Bruno (2002) enfatiza que o patrimônio consiste em um conjunto de bens identificados pelo homem em sua relação com o meio em que está inserido e com os outros indivíduos. Os bens que compõem este conjunto podem ser de natureza variada tais como: bens financeiros, físicos, espirituais, ideológicos e culturais.

Apesar de acreditarmos que em se tratando de um grupo com traços culturais fortes, com tradições e hábitos próprios, este conceito pode ultrapassar a questão de territorialidade física, pois pessoas com traços culturais e identidades próprias podem viver em outros espaços e conviver com outros grupos de culturas distintas das suas. Não é o caso do MCDB. Pelo fato de terem sido inaugurados apenas os setores de Arqueologia e Etnologia, abriu-se um vazio entre a comunidade campo-grandense e o museu, apesar de a Arqueologia retratar cenas naturais de Mato Grosso do Sul. Acreditamos que o motivo seja o acervo constituído pela cultura material de povos de Mato Grosso, com as quais a comunidade local não se identifica, conforme constatação de Bruno (2002).

1.2 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

No âmbito científico, o conceito de território tem sido utilizado tanto pelas ciências naturais quanto pelas ciências sociais. Nas ciências naturais, esse conceito foi formulado pela primeira vez, ainda no século XVII, a partir de estudos da botânica e da zoologia. O território tinha como significado uma área de dominação de um determinado grupo de espécie animal ou vegetal.

Já nas Ciências Sociais, a Geografia foi a primeira vertente científica do conhecimento humano a ter uma preocupação com território de forma sistematizada, com Ratzel, no século XIX, o qual comparou o Estado a um organismo vivo que nasce, cresce e tende a declinar.

As formas de relacionamento que os indivíduos possuem com os territórios onde vivem são demonstradas por meio das percepções que apreendem do meio físico no qual se inserem e dos juízos que formam mediante as sensações produzidas e ocasionadas pela vivência em um determinado local⁴.

Esta percepção pode ocorrer através das capacidades biológicas e também pela herança cultural. Com isso, o indivíduo passa a dar importância ao local onde vive, respeitando-o e protegendo-o, além de encontrar um sentido para a sua permanência nesse território. Mediante esse contato, também passa a valorizar aqueles que vivem ao seu redor naquele espaço.

Na análise de Raffestin (1993), a construção do território revela relações marcadas pelo poder. Esse poder é concedido pela receptividade. O território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação, exatamente porque o território possui limites, isto é, possui fronteiras, as quais constituem um espaço de “conflitualidades”.

⁴ LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre *Território Vivido e a Fenomenologia do “Lugar. Disciplina Territorialidade e Dinâmicas Sócio-Ambientais, anotações de aula.* Universidade Católica Dom Bosco. Programa de pós-graduação em desenvolvimento local. Mestrado Acadêmico. Campo Grande. 2008

Os territórios são formados no espaço geográfico a partir de diferentes relações sociais. A noção de território busca resgatar e explicar o conceito de território desenvolvido por diversos autores, ou seja, o território é o espaço apropriado para uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder.

É impossível a existência de um território sem que haja mobilidade em seu interior, protagonizada por seus habitantes, além das relações com o ambiente no qual este se encontra. “A idéia concebida sobre o território é de que se trata fundamentalmente de um espaço definido e delimitado a partir das relações de poder” (SOUZA, 1995, p. 78).

Considera-se, assim, que o território é uma fração do espaço geográfico e de outros espaços materiais ou imateriais. Entretanto, é importante lembrar que o território é um espaço geográfico, assim como a região e o lugar. Sua configuração refere-se às dimensões de poder e ao controle social que o constituem.

Em contato com o território, o ser humano começa a observar o que está ao seu redor, analisando cada objeto, cada ser vivo, cada pessoa. Isto faz com que ele organize seus pensamentos, idéias, pontos de vista e considerações de uma forma ordenada e coerente. Mediante essa organização, pode expressar seus desejos e emoções a respeito do meio em que vive.

O território foi definido por Raffestin, (1993, p. 63), como sistema de ações e sistema de objetos. As definições de Claude Raffestin e Milton Santos significam também que espaço geográfico e território, ainda que diferentes, são os mesmos. Pode-se afirmar com certeza que todo território é um espaço nem sempre geográfico, podendo ser social, político, cultural, cibernético etc.

Por outro lado, é evidente que nem sempre todo espaço é um território. Os territórios movimentam-se e se fixam sobre o espaço geográfico.

Segundo Fernandes (2000, p. 71)

São as relações sociais que transformam o espaço em território e vice e versa. O espaço é perene e o território é intermitente. O território

como espaço geográfico contém os elementos da natureza e os espaços produzidos pelas relações sociais. A sua existência assim como a sua destruição será determinada pelas relações sociais que dão movimento ao espaço. As relações sociais, por sua diversidade, criam vários tipos de territórios, que são contínuos em áreas extensas e/ou descontínuos em pontos e redes, formados por diferentes escalas e dimensões. Os territórios são países, estados, regiões, municípios, departamentos, bairros, fábricas, vilas, propriedades, moradias, salas, corpo, mente, pensamento, conhecimento.

Assim, os territórios possuem o sentido de uso que Raffestin (1993) defende. Sem a produção de espaços e de territórios, o conhecimento, como relação social, pode ser subordinado a outros conhecimentos, relações sociais, espaços e territórios.

Para Fernandes (2000) o território é uma totalidade, portanto é multidimensional. Para outras ciências o território pode ser compreendido apenas como uma dimensão. Alguns economistas o tratam como uma dimensão do desenvolvimento, reduzindo o território a uma determinada relação social. Assim como o desenvolvimento, este é multidimensional, portanto, não existe uma dimensão territorial do desenvolvimento.

Segundo Deyon (2005), existe uma política de organização e desenvolvimento territorial, quando o Estado trata de repartir geograficamente a população e as atividades econômicas, envolvendo-a, então, nas atividades econômicas, seja para tornar homogêneo o território ou ainda para melhorar a posição do país no jogo da competição econômica.

O território em si é somente uma representação, muitas vezes simbólica, da identidade e expressão de um indivíduo ou de um grupo. Buttiner (1985) assinala que as relações sociais são uma das características que compõem a construção do território por aqueles que nele se encontram, além da interatividade entre seu próprio eu e o espaço onde vive.

Conforme citações anteriores, é a partir do contato com o território que o homem começa a observar o mundo que está ao seu redor: os objetos, o ambiente, o outro. É neste espaço onde as relações são estabelecidas e as redes são construídas, que se cria

uma ligação entre o lugar e o sentimento de pertença. Mediante este contato, o indivíduo também passa a valorizar aqueles que vivem ao seu redor naquele espaço.

Dentro desse cenário é que ocorre a territorialidade, que se caracteriza não só pelo estabelecimento das relações de poder, mas também pela movimentação exercida pelos indivíduos que convivem neste espaço entre si. A territorialidade pode também ser reconhecida pelas práticas das ações que mantêm seus integrantes em sintonia, fazendo com que haja uma dinâmica em seu território em todos os aspectos.

Segundo Santos (1999), o conceito de territorialidade consiste nas relações sociais dos indivíduos ocorridas em uma localidade/comunidade. São as ações que configuram a territorialidade, como por exemplo, o modo de vida em uma comunidade, as relações comerciais que se dão, por exemplo, na ida de um cliente à loja ou ao mercado para a compra de um produto, ou em encontros sociais, como festas, reuniões em sindicatos e associações, em eventos esportivos, religiosos, etc.

Conforme Sack (1986, p. 219)

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado.

A territorialidade pode ser entendida como um “conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional - sociedade, espaço e tempo -, em vias de atingir a maior autonomia possível e compatível com os recursos do sistema” (RAFFESTIN, 1993, p. 160). Bonnemaison (2002, p. 99) distingue a territorialidade em duas atitudes:

A territorialidade se situa na junção dessas duas atitudes; ela engloba simultaneamente, aquilo que é fixação e aquilo que é mobilidade - dito de outra maneira, os itinerários e os lugares. Por conseguinte, a territorialidade é compreendida muito mais pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território do que pela referência aos conceitos habituais de apropriação biológica e de fronteira.

O autor expressa a territorialidade como comportamento vívido onde esta engloba, ao mesmo tempo, a relação com o território e, a partir dela, a relação com o

espaço "estrangeiro"; incluindo aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e aquilo que o impele para fora do território, lá onde começa "o espaço" (BONNEMaison, 2002). O território já não passa a ser só o espaço onde vive, mas este acaba por se inserir também em sua personalidade, influenciando-o em suas tomadas de decisões, na formação de suas opiniões e juízos. Em relação ao Desenvolvimento Local, este tema será abordado no tópico seguinte. Pode-se afirmar que o desenvolvimento local é o processo de construção do ser e do próprio território, e que nunca deve dar-se por encerrado.

Este levantamento teórico levou-nos a refletir sobre a divisão do estado de Mato Grosso e sua relação com o sentimento de pertença, principalmente no que diz respeito ao Museu das Culturas Dom Bosco. Os salesianos, que haviam chegado ao Brasil em 1894, tiveram por ideia criar um museu que representasse a diversidade da fauna brasileira e a riqueza cultural dos povos com os quais haviam estabelecido contato, logo após sua chegada ao Brasil.

No que se refere à fundação do Museu, a criação do estado de Mato Grosso do Sul jamais fez com que a ligação cultural com Mato Grosso fosse rompida ou mesmo dissolvida, uma vez que a grande parte da coleção etnográfica existente é composta por objetos que representam os povos que habitam o estado de Mato Grosso, como Bororo, Xavante, e recentemente Kalapalo. O elo existente entre esses dois estados é muito forte, até em mesmo em sua geografia, fato que pode ser constatado pela existência do Pantanal, presente tanto em Mato Grosso do Sul quanto em Mato Grosso.

Ainda que separados geograficamente, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul sempre estiveram e estarão unidos pelo Museu das Culturas Dom Bosco, que é um forte traço de união cultural não só entre dois estados, mas de todo o Brasil.

1.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL

O desenvolvimento local pode ser entendido como um processo de mudança e transformação e, ao envolver o ser humano, representa uma melhoria na qualidade de vida de uma coletividade ou de um grupo de pessoas que fazem parte desse processo.

Costa (2004) afirma que a noção de desenvolvimento, em um primeiro instante, está ligada à geração de renda, melhoria da qualidade de vida no território, criação de riquezas e, ao mesmo tempo, à distribuição justa e à eliminação, ou, pelo menos, à redução da pobreza.

Furtado (2001) faz uma análise de como o desenvolvimento se dá nos países economicamente mais pobres, explicando que o modelo desenvolvimentista que ocorre nestas nações acaba concentrando a renda e o consumo de bens nas mãos de uma minoria mais abastada do ponto de vista socioeconômico ao passo que grande parte da população se vê privada de qualquer benefício decorrente deste modelo político e econômico.

A evolução do desenvolvimento local pode ocorrer de forma efetiva e contínua com a participação total da sociedade para a sua concretização, em uma convergência de esforços possibilitando que todos sejam gestores de um crescimento não só socioeconômico, mas também cultural. Conforme Zapata (2006) “o desenvolvimento local se apoia na ideia de que as localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, além de economias de escalas não exploradas, que constituem seu potencial de desenvolvimento”.

Ávila (2008) argumenta que o desenvolvimento local-DL é um processo contínuo que não ocorre da noite para o dia, não possui resultados imediatistas, nem fórmulas prontas ou receitas que sejam propícias para um avanço rápido à sua consolidação, mas que se dá de forma paulatina e nunca concluída por completo, sendo realizado por meio de uma caminhada.

Esse caminho não deve ser somente trilhado pelos agentes externos responsáveis pelo desenvolvimento local, mas, principalmente, por aqueles que estão inseridos nas comunidades locais e que vivem a sua realidade, pois são estas que devem gerenciar e controlar o seu desenvolvimento, por meio de análises, diagnósticos e tomadas de decisões que venham a dinamizar o processo, de forma a atender não só aos moradores destas, mas também ao meio ambiente que os circunda, já que não se deve dissociar esta relação intrínseca entre homem e natureza.

De acordo ainda com Ávila (2006), há outras formas desse processo que ocorrem dentro de uma comunidade, porém de formas distintas: desenvolvimento no local (DnL) e desenvolvimento para o local (Dpl). É importante que se tenha a definição de cada uma dessas modalidades para que se possa diferenciá-las não só entre si, mas também do desenvolvimento local, a fim de melhor compreender o processo.

Ávila (2006) dimensiona que o desenvolvimento no local é caracterizado por ocorrer somente em uma determinada localidade, podendo mudar de espaço no momento em que passa a não ser mais rentável para aqueles que o promovem em uma região, deixando consequências, por vezes, desastrosas, para os próprios fomentadores, fazendo com que seus objetivos fiquem em segundo plano.

O mesmo autor faz menção ao desenvolvimento para o local que ocorre dentro de um espaço, por conta de iniciativas externas promovidas por entidades públicas ou privadas que, em um dado momento, surtem benefícios para a comunidade para a qual são destinadas. Entretanto, as ações ao serem promovidas somente por estas instituições, impedem que haja uma participação da população local, já que esta se mantém alheia à realização deste processo, a não ser para o recebimento dos “benefícios”. Estes, na maioria das vezes, acabam por se transformar em programas de assistencialismo, com objetivos meramente eleitoreiros, políticos, de publicidade e promoção pessoal, o que proporciona uma situação de manipulação e controle da população, fazendo com que a mesma passe a esperar ou depender de iniciativas ou da “caridade” de entidades públicas ou privadas.

Não se deve esquecer que o desenvolvimento local, uma vez que se trata de um processo abrangente, pois tanto na esfera social, política, quanto econômica e cultural, desempenha também um papel democratizante e democratizador, pois todos participam sem nenhuma exclusão, contribuindo para que os resultados positivos obtidos nesta ação sejam para a comunidade-localidade inserida no contexto, integrando a todos aqueles que a compõem. Somente mediante o trabalho, dentro de uma convergência de idéias, é que o Desenvolvimento Local pode vir a se concretizar de forma sólida e plena.

Para Martins (2002) é evidente que o desenvolvimento local requer, indispensavelmente, a necessidade de reflexão sobre conceitos básicos que, em última

análise, estão diretamente ligados ao cenário formado pela própria dinâmica da vida e o ambiente de entorno. Para desencadear os processos de desenvolvimento local, a população necessita conhecer a si e a realidade que a cerca. Uma das formas é a realização de um diagnóstico participativo para que esta re-conheça a sua realidade, identificando problemas e potencialidades, para então dar início à elaboração de um plano de desenvolvimento.

Desenvolvimento local consiste, pois, na realização e concretização de ações que viabilizam uma cooperação solidária que venha a sensibilizar a população, mobilizar e promover um trabalho em conjunto com a comunidade-local inserida no contexto. Deve haver uma conscientização de cada indivíduo integrante da comunidade de seu papel como colaborador para a fomentação do processo de desenvolvimento local, além da conscientização coletiva da comunidade como gestores da criação e aplicabilidade de iniciativas que consolidem de forma eficaz os objetivos e metas traçados para o progresso e bem-estar de todos os envolvidos da localidade.

Segundo Martins (2002), o desenvolvimento local é proporcional à escala humana devendo ser entendido como a satisfação das necessidades humanas fundamentais, por meio do protagonismo real e verdadeiro de cada pessoa. Entende-se que criar as condições para que uma comunidade efetivamente exerça esse protagonismo afigura-se como o maior desafio para que o DL se proponha como teoria.

A partir do desenvolvimento local, o indivíduo passa a se identificar consigo mesmo, com os outros e com o território no qual está inserido e pode realizar ações múltiplas nos diferentes âmbitos que integram a estrutura organizacional de uma comunidade além de promover a integração entre todos seus membros.

Por fim, ressalta-se a importância de o desenvolvimento local ser gerido e aplicado de forma que a comunidade-localidade possa ser gerenciadora deste processo, para assim obter maior autonomia para decidir seu destino e os caminhos a serem seguidos para seu crescimento e melhoria da qualidade de vida.

1.4 COMUNIDADE

Definimos comunidade como um grupo de pessoas que convivem em um mesmo espaço restrito por dimensões bem definidas com estrutura dominante própria, cultura tipificada, linguajar com características locais, leis próprias, regras sociais de conduta e comportamento diferenciadas de outras localidades e identidade visual marcante⁵. De acordo com Weber (2002), o conceito de comunidade baseia-se na orientação da ação social. Sua fundamentação consiste em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional.

No caso dos humanos, essa relação ocorre de forma mais complexa, uma vez que as pessoas dentro da sociedade desenvolvem funções específicas, e cada um precisa do outro para suprir suas necessidades. Dentro de uma comunidade, os contatos se dão de forma mais próxima, uma vez que todos têm um grau de envolvimento afetivo mais profundo, além de profissional.

Ações em conjunto como esta só podem ocorrer mediante a união de esforços de todos os membros integrantes de uma comunidade, pois desta forma há uma convergência de ações que possibilitam o alcance dos objetivos almejados por todos que fazem parte de um determinado grupo.

Para Hamman (1999), as comunidades, por si só, vivem em contato entre si. Um ecossistema ilustra de forma clara esta afirmação, já que neste habitam várias espécies animais, que dependem um dos outros para a sua sobrevivência, a exemplo dos animais carnívoros e herbívoros. Dentro do âmbito das relações da sociedade humana, pode-se usar como exemplo as comunidades tribais, que, mesmo preservando sua identidade cultural, já não vivem isoladamente, mas mantêm relações com outras comunidades e se deslocam para outros espaços.

De acordo com Costa (2005), o ser humano deve ser visto em sua comunidade como parte e como totalidade do processo de formação socioespacial. As possibilidades de um desenvolvimento comunitário residem em uma adaptação da nova lógica mundial

⁵Disponível em: <http://www.lenderbook.com/comunidade/index.asp>
Acesso em: 21 de julho de 2009.

ao sujeito, respeitando o seu ritmo de vida e a sua cultura. O ser humano como agente modificador do meio em que vive, procura adaptá-lo de forma que este venha a atender às suas necessidades, suprindo todas as deficiências que porventura venham a existir no local.

Entretanto, a gestão de forma racional de suas relações com o ambiente que o circunda mostra-se de fundamental importância, pois estas podem comprometer a estabilidade do espaço e da comunidade, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento desenfreado. Antes de qualquer iniciativa a ser tomada para a efetivação do Desenvolvimento Local em uma comunidade, é necessário que esta conheça o significado deste processo e tenha em mente que a sua importância está além do crescimento econômico, social, político e que acima de tudo, está relacionada com o crescimento pessoal de cada indivíduo.

Deve haver uma conscientização dos elementos integrantes da comunidade sobre o seu papel como colaborador para a fomentação do processo de Desenvolvimento Local, além da conscientização coletiva da comunidade como gestora da criação e aplicabilidade de iniciativas que consolidem de forma eficaz os objetivos e metas traçados para o progresso e bem-estar de todos os envolvidos e da localidade.

Uma das características inerentes a uma comunidade é a identidade, ou seja, sua forma de ser, de viver, de se expressar e de ver o mundo como um todo. A identidade é representada por meio de manifestações culturais tanto materiais quanto imateriais, a exemplo de festas, cantos, representações, costumes, pela língua, etc.

1.5 IDENTIDADE

Para Plummer (1996, p. 369) identidade é um termo derivado da palavra latina ‘*idem*’, que significa igualdade e continuidade. Esse termo foi elaborado pela filosofia que comprehende a “permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade”.

Identidade pode ser entendida como uma construção de caráter simbólico que diz respeito à apreensão e interpretação da realidade é uma tentativa do sujeito de compreender sua própria posição no mundo. Essa construção se dá por meio de

esquemas classificatórios, que nos permitem separar "nós" e "outros" a partir de critérios dados.

Para Loureiro (2004) a identidade entendida como uma estrutura de idéias ou conceitos pode abranger diferentes níveis e características de interação entre os indivíduos e o ambiente, e acontecer em diversas esferas ambientais e sociais.

Muitas vezes o processo de identificação por meio das tradições culturais não ocorre por conta da ausência de uma identidade do próprio indivíduo em relação à comunidade a qual pertence. Estamos falando de uma identidade social pertencente a cada membro que compõe uma sociedade. Loureiro (2004) estabelece que, a identidade de um determinado integrante pode ser definida como um componente de sua própria imagem, sendo que esta é obtida e conservada pela idéia de pertença aos grupos.

Para Stuart Hall (2003), a identidade do sujeito está baseada na concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado de capacidade racional.

É a presença da identidade do indivíduo que estabelece a conexão com o espaço onde este se encontra inserido e é por seu intermédio que se analisa e considera aquilo que é do indivíduo e como esse indivíduo percebe as pessoas, os conceitos, as idéias entre outros. Nossa forma de pensar apoia-se no que existe de concreto no modo de agir pessoal. Por meio da observação do mundo, capta-se o conhecimento com o qual o indivíduo elabora suas próprias conclusões e cremos que é dessa maneira que se forma a identidade.

Para Bauman (2005), a identidade é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto, alvo de um esforço, "um objetivo", construído a partir do zero. No entanto, não se deve esquecer que cabe à sociedade fazer o resgate e a manutenção da própria identidade como a marca registrada que caracteriza sua forma de ser e de viver.

A identidade é um dos pilares que compõem a estrutura da memória juntamente com o Museu, sua presença e atuações são de fundamental importância para a consolidação desse processo. O museu é uma instituição especializada na produção e

recordação da memória. A memória estabelece um papel importante na construção do imaginário, e a identidade se constroi a partir desses imaginários.

1.6 MUSEU E MEMÓRIA

A palavra “museu” teve origem na Grécia Antiga, derivada de *Mouseion*, termo que denominava o templo dedicado às nove musas, divindades menores do panteão grego e que eram ligadas a diferentes ramos da arte e da ciência, sendo filhas de Zeus com Mnemosine, deusa da memória⁶. A formação dos museus é também influenciada pela relação da humanidade com a memória e a história.

O museu retém o saber que os olhos deixam de observar no cotidiano, faz com que se possa lembrar o que está adormecido nas mentes e ainda, nos devolve o cotidiano de povos que não existem mais, mas foram os construtores do presente e por isso não devem ser esquecidos.

Para Hellwig (2008) os museus são especialistas na recordação da memória, pois esta estabelece um papel importante na construção do imaginário e da identidade de uma sociedade. A partir da memória pode-se imaginar como foi o modo de vida de uma civilização ou como era o planeta há milhões de anos. O museu deve conciliar as necessidades de evocação e celebração da memória com a responsabilidade de promover a consciência histórica.

Como afirma Bosi (2003), a função da memória hoje é o conhecimento do passado. Foi com base na memória que o museu foi concebido: para preservar o passado em suas formas imateriais e materiais. A memória deve estar presente nos museus, porém, não somente em objetivas e rever obras de arte, mas também como objeto de fortalecimento da cultura e do saber do ser humano.

Grunberg (1999) qualifica a memória como imprescindível para a sobrevivência do ser humano, principalmente, para o conhecimento. É a partir dessa relação com o conhecimento que os museus foram formados para se constituírem em lugares de

⁶ De acordo com o caderno de Diretrizes Museológicas (2006).

memória em sua dimensão material, ou seja, em locais de guarda e preservação de objetos que serão o suporte para a memória das sociedades presentes e futuras.

Tendo esta consciência de que o museu é um espaço onde ocorre a interação com o conhecimento torna-se necessário estimular a participação de todos os segmentos da sociedade nesse espaço, para que haja uma interculturalidade entre aqueles que o visitam e os que atuam na área da cultura.

Entretanto Kessel (2008, p. 4) ressalta que a “memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos. Decidir sobre o que deve ser lembrado e também sobre o que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro”. O museu tem o poder de decidir o que lembrar e o que esquecer, escolher ou repudiar, coletar ou descartar, concordar ou questionar. Desse modo, o museu tem um papel importante na reconstrução da identidade cultural de uma comunidade, a partir do que já tem como preservado e registrado.

Dentro dessa perspectiva, Hellwig (2008) considera que os museus devem dar suporte a estudos e pesquisas que possam contribuir para a valorização da memória e das questões culturais que envolvem a sociedade. O mesmo ressalta que o museu também é uma instituição especializada na produção da memória.

Atuando nessa linha de raciocínio, o museu passa a ser um lugar com capacidade de redefinir as noções de memória, de interpretações do passado, valorizando a história e fortalecendo a identidade cultural própria de determinada comunidade. Por muito tempo, os museus foram vistos como espaços onde eram postos objetos considerados arcaicos e por vezes sem nenhum préstimo para estudo ou pesquisa; a pretensão era simplesmente mostrar uma época ou um contexto histórico e social que não mais existia.

A conexão existente entre memória e museu apenas é constatada quando são feitas visitas a estes espaços. Os objetos que compõem o acervo de um museu contêm lembranças referentes ao passado e aos feitos de um povo. Observa-se que as coleções pertencentes às grandes civilizações da Antiguidade como Egito, Mesopotâmia, Pérsia, Grécia e Roma, além de outros povos, encontradas em grandes museus espalhados pelo

mundo, principalmente na Europa, onde grande parte deste patrimônio encontra-se em exposição, atestam o esplendor e a pujança destas sociedades que mais tarde formaram as nações atuais e que hoje se orgulham do legado histórico e cultural que partilham com a humanidade. Nesse aporte, a memória tem um papel fundamental no resgate e preservação da cultura de todas as sociedades, sem a qual, torna-se impossível manter esta realidade.

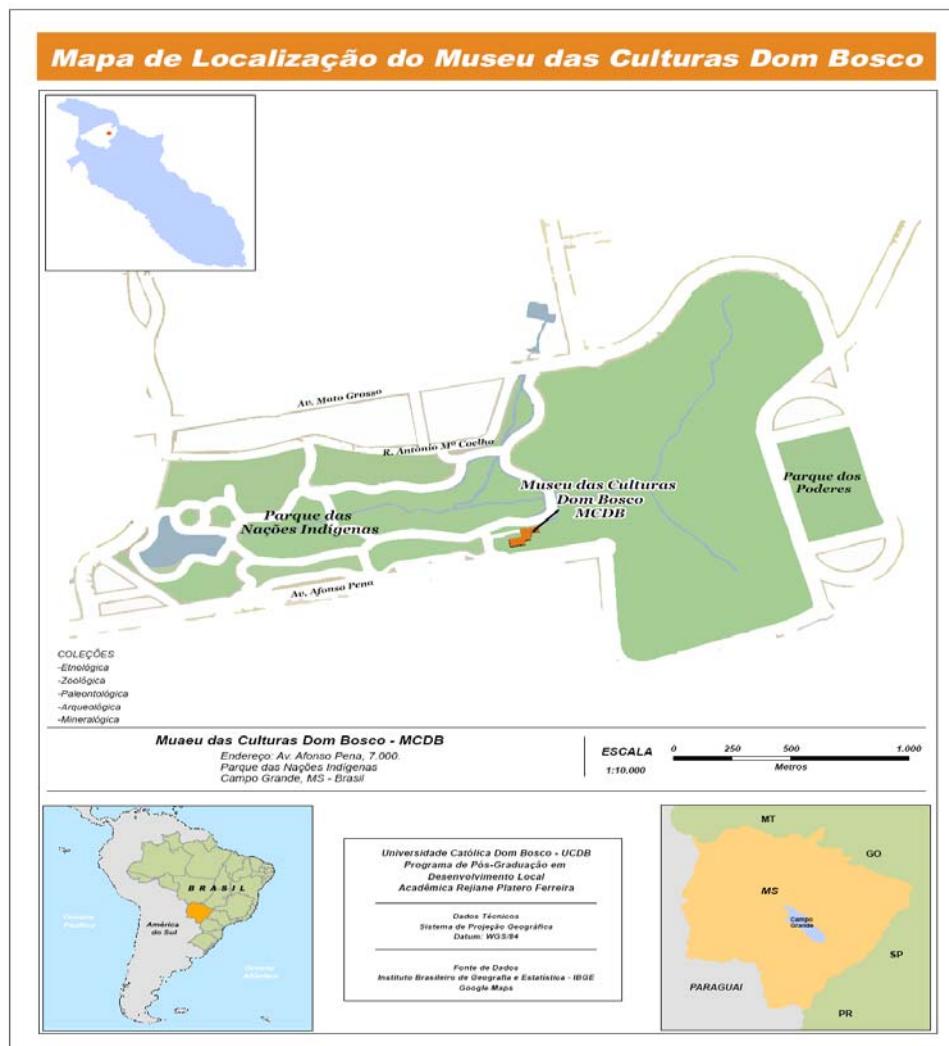
A questão referente à memória talvez ainda tenha sido pouco debatida. O fato é que através desta o cidadão conhece sua história e os feitos de seus ancestrais, e acaba por se identificar com os museus, tornando-se um divulgador em potencial do conhecimento e da cultura. Hoje podemos observar que os museus passaram a atuar como instituições educativas e culturais de certa sociedade.

Quanto a perspectiva dos conceitos discutidos, principalmente, o que diz respeito à identidade e memória, tem-se a impressão de que a comunidade que vive no local onde o Museu das Culturas Dom Bosco está inserido busca aí um encontro com sua história e se frustra, como se a memória emanada da museografia e dos objetos não lhe dissesse respeito. É uma situação *sui generis* e portanto complexa que justifica parte dessa pesquisa, pois acredita-se que somente embasados pelas teorias pertinentes ao Desenvolvimento Local, por meio de técnicas educativas vinculadas às escolas de um modo geral é que o museu poderá descobrir o caminho de se fazer ver e sentir pela comunidade local.

2 O MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO

O Museu das Culturas Dom Bosco-MCDB, localizado em Campo Grande no Estado do Mato Grosso do Sul-MS, possui um acervo importante que engloba as coleções de Arqueologia, Etnologia, Mineralogia, Paleontologia e Zoologia. No tópico a seguir apresentamos um relato histórico sobre o museu e seu acervo.

Figura 1 - Localização do Museu Das Culturas Dom Bosco em Campo Grande Mato Grosso do Sul-MS



Elaboração Frederico Licio Pereira (2009)

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

O Museu Dom Bosco foi fundado pela Missão Salesiana de Mato Grosso, com o principal objetivo de preservar a cultura material dos povos indígenas com os quais os missionários mantinham contato desde sua chegada a Mato Grosso em 1894. Sua idealização ocorreu em Goiânia, no ano de 1948, por Félix Zavattaro (SDB), durante o período em que foi diretor do Colégio Dom Bosco. Félix retomou o projeto de criação do Museu que estava nos planos de Antonio Malan (SDB) e já iniciado no município de Coxipó da Ponte, nas proximidades de Cuiabá. A princípio, o espaço havia sido criado com objetivo de divulgar as manifestações culturais do povo Bororo e posteriormente do povo Xavante, primeiras etnias a terem contato com os Salesianos.

No dia 27 de outubro de 1951, o Museu foi oficialmente inaugurado na cidade de Campo Grande, no então estado de Mato Grosso, com o nome Museu Regional Dom Bosco, na época localizado no Colégio que leva o nome do fundador da ordem dos Salesianos.

Entre os anos de 1957 e 1974, Ângelo Venturelli (SDB) assumiu a direção e do Museu Regional Dom Bosco com a incumbência de organizar milhares de fichas descriptivas do acervo do museu, preservar e catalogar os objetos e coletar peças Bororo, Xavante, Tukano e Aharaibo. É importante destacar o trabalho de pesquisa realizado na área antropológica por dois Salesianos, Cesar Albisetti (SDB) e Ângelo Jayme Venturelli (SDB) que resultou na produção e publicação da maior obra etnográfica existente, a Enciclopédia Bororo, considerada também como o primeiro catálogo da exposição Bororo do MRDB.

Já no ano de 1976 o acervo constituído foi transferido para o prédio Pia Lame na Rua Barão do Rio Branco e com uma nova denominação: Museu Dom Bosco, que ficou conhecido popularmente em Mato Grosso do Sul, mais especificamente na capital, Campo Grande, como Museu do Índio.

Figura 2 - Museu Dom Bosco



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção de Arquivo Audiovisual MCDB (2005)

Outro a contribuir de forma fundamental para o desenvolvimento e ampliação do Museu foi João Falco (SDB) que reorganizou e ampliou o acervo durante os 20 anos em que dirigiu a instituição, deixando vago o cargo depois de sua morte, em 1996.

No período entre 1951 e 1996, o Museu esteve sob responsabilidade da Missão Salesiana de Mato Grosso-MSMT e, a partir de 1997, passa a ser administrado pela Universidade Católica Dom Bosco-UCDB. Desde essa época está vinculado à instituição, servindo como base de apoio à pesquisa, principalmente para as áreas de Ciências Sociais e Biológicas⁷.

Ao longo de seus cinquenta anos de vida, o museu ampliou suas coleções e redimensionou suas atividades, fato que impôs a necessidade de redefinir objetivos e adequar o espaço físico à democratização da cultura, perspectiva fundamental de um museu dinâmico capaz de promover o desenvolvimento social, a conservação e proteção de seu patrimônio cultural.

No ano de 2005, o Museu foi transferido de seu prédio no centro da cidade para um novo espaço, localizado dentro do parque urbano denominado “Parque das Nações Indígenas”, tendo sua área expositiva ampliada para, aproximadamente, 3.000m².

⁷ Pesquisa realizada no Arquivo Histórico do Museu das Culturas Dom Bosco em documentos específicos como Ata de Inauguração, Cartas e Ofícios.

O Parque das Nações Indígenas, nome que homenageia as etnias indígenas de Mato Grosso do Sul, é um cartão-postal de Campo Grande. Considerado um dos maiores parques, dentro de um perímetro urbano do mundo, constitui-se em um ambiente de lazer muito procurado pela população de Campo Grande para a realização de passeios contemplativos e caminhadas. Sua extensão é da ordem de 119 hectares, dotados de uma vegetação típica de Cerrado que rodeia um imenso lago. Nesse espaço vivem animais silvestres como capivaras, quatis, cotias, tatus, araras, periquitos, quero-queros para citar só alguns. Para o museu essa localização é privilegiada, principalmente porque ambos, parque e museu, mantêm uma ligação muito forte com as populações indígenas como não índias e formam um conjunto insólito que dispõe lado a lado o natural e o cultural.

Considerando que:

Nos recônditos da memória residem aspectos que a população de uma dada localidade reconhece como elementos próprios da sua história, da tipologia do espaço onde vive, das paisagens naturais ou construídas. A memória, do ponto de vista de Jaques Le Goff, estabelece um "vínculo" entre as gerações humanas e o "tempo histórico que as acompanha". Tal vínculo, além de constituir um "elo afetivo" que possibilita aos cidadãos perceberem-se como "sujeitos da história", plenos de direitos e deveres, os torna cônscios dos embates sociais que envolvem a própria paisagem, os lugares onde vivem, os espaços de produção e cultura. Sob essa ótica, Le Goff destaca que a "identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual e coletiva"; a partir do momento em que a sociedade se dispõe a "preservar e divulgar os seus bens culturais" dá-se início ao processo denominado pelo autor como a "construção do *ethos* cultural e de sua cidadania"⁸.

É dentro dessas concepções que buscamos compreender a situação do museu, já que sua construção no Parque das Nações Indígenas apesar de ter sido ocasional, pois o governo havia elaborado e iniciado um projeto semelhante que precisou ser interrompido por questões políticas, com a intervenção da Missão Salesiana pode-se resolver tanto o problema do governo quanto o dos salesianos e, por acaso, privilegiou a inserção do museu na história de Campo Grande.

⁸ Sandra C. A. Pelegrini. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental (artigo)**. Revista Brasileira de História (ISSN 0102-0188) vol. 26 nº. 51 São Paulo Jan./Junho 2006.

Como afirmamos anteriormente, a divisão do estado de Mato Grosso gerou um problema em relação à identificação da população com o museu devido, principalmente, ao reconhecimento do acervo, no entanto o parque é um orgulho para Campo Grande, para Mato Grosso do Sul e para o Brasil e ao fazer parte dessa paisagem o museu assume parte do processo de identificação que ocorre entre parque e a população local.

Figura 3 - Museu das Culturas Dom Bosco

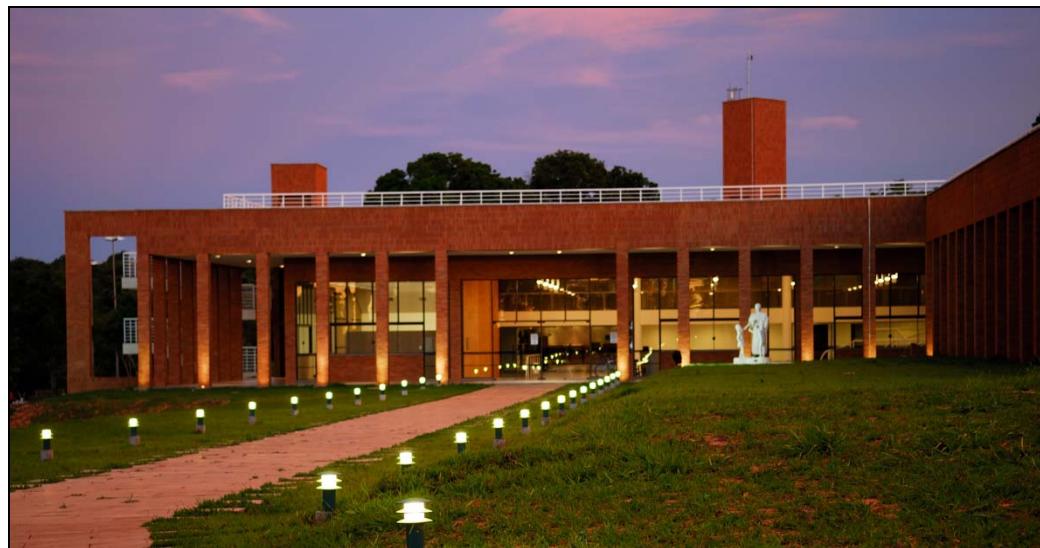


Foto: Sergio Sato (2007)

Assim, podemos dizer que o Museu das Culturas Dom Bosco-MCDB é um ponto de referência no estado de Mato Grosso do Sul por conta de seu empenho na divulgação e proteção do patrimônio cultural e natural, fazendo parte do calendário de visitas de escolas do ensino fundamental e médio, sejam públicas ou particulares. É um importante atrativo cultural para o turismo, capaz de dinamizar o desenvolvimento econômico e social da comunidade.

2.2 A IMPORTÂNCIA DE JOÃO FALCO(SDB) PARA O MCDB

Figura 4 - Padre João Falco



Foto: Setor de Documentação e Difusão
Cultural-Subseção de Arquivo
Audiovisual

João Falco pode ser considerado um marco na história do Museu, não só por sua atuação como gestor da instituição, como pesquisador essencialmente das Ciências Naturais, mas, principalmente, como educador preocupado com a formação dos jovens.

Em suas aulas primava pela seriedade da disciplina, sempre cuidando do aproveitamento dos alunos. Foi o salesiano que mais se destacou quanto à organização e catalogação das coleções do MCDB, devido a uma característica peculiar: todo o trabalho que realizava, registrava em pequenos cadernos que hoje se encontram no arquivo do MCDB, auxiliando pesquisadores no estudo sobre as coleções (CARTA MORTUÁRIA 1997).

João Falco tinha um grande desejo, desde o tempo em que era aspirante em Bagnolo, na região italiana do Piemonte, de viver e trabalhar entre os índios. Em 1966 viu seu desejo tornar-se realidade, quando foi designado Diretor da Colônia Indígena Sagrado Coração de Jesus em Meruri, passando a conviver com os Bororo (CARTA MORTUÁRIA 1997).

O tempo em que Falco passou entre os índios serviu também para que aprimorasse seu conhecimento sobre a cultura e a estrutura tribal que muito lhe

auxiliaria na organização do Museu das Culturas Dom Bosco, além da grande amizade que desenvolveu com as lideranças indígenas. Sua atuação na área da pesquisa foi de fundamental importância para o museu, vindo a auxiliar na realização de intercâmbios com pesquisadores de outras partes do mundo com o objetivo de adquirir objetos para a formação do acervo do Museu Regional Dom Bosco. As aquisições ocorreram por meio de trocas, compras ou doações (CARTA MORTUÁRIA 1997).

Uma das pastas referentes a Falco, guardadas no arquivo histórico do MCDB, contém recortes de jornais com registros sobre atividades que realizou no hoje denominado Museu das Culturas Dom Bosco. Em outra pasta foram arquivados documentos de aquisição de acervo, cartas de pesquisadores e agradecimentos.

Dividiu sua vida entre a religião e a pesquisa sobre museologia e zoologia, como se pode confirmar por este relato do jornal *A Crítica* de 26 de janeiro de 1997, que o descreve como:

Homem de esplêndido poder espiritual, características fortes, definidas, fundamentadas num profundo conhecimento da fé presente no inefável. Mato Grosso e Mato Grosso do Sul tiveram o privilégio de conhecer o missionário, obreiro de Deus que semeou, na época, frutos que cresceram para nossos olhos.

A maioria dos documentos existentes no arquivo do MCDB foram todos preservados por Falco, um pesquisador sempre atento às novas gerações. Além de organizar o Museu, ajudou a montar, na década de 1980, um museu em Manaus (AM).

Em 1990 participou na montagem expográfica de outro museu na Argentina e na mesma década, ficou por algum tempo na Itália, onde montou o maior museu missionário da Congregação Salesiana, espalhada pelos cinco continentes.

João Falco desenvolveu um bom trabalho no Museu das Culturas Dom Bosco, e, apesar de não ser museólogo de formação, tinha um profundo conhecimento sobre esta área de estudo.

2.3 AS COLEÇÕES DO MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO

No decorrer de sua história as coleções do Museu das Culturas Dom Bosco foram sendo diversificadas e, atualmente, seu acervo conta com aproximadamente 43.941 peças englobando as seguintes as coleções: **Arqueologia** (458 objetos); **Etnografia** (cerca de 10.000 objetos e fotos das etnias indígenas Bororo, Xavante, Karajá, Moro, Povos do Rio Uaupés e de Mato Grosso do Sul); **Paleontologia** (2.700 objetos); **Mineralogia** (783 minerais); e **Zoologia** (cerca de 30.000 espécies, entre moluscos, insetos, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos)⁹.

Todos os dados sobre os objetos que compõem esse acervo, resultado de estudos e pesquisas tanto dos salesianos vinculados ao museu, quanto dos especialistas que atuam no MCDB estão sendo inseridos num banco de dados criado com base na especificidade do acervo. Constitui-se em um sistema de organização das informações catalográficas e movimentação física do acervo. Foi dividido em dois setores. Um processa informações técnicas e outro, imagens. Está, ainda, em fase de implantação desde setembro de 2007 e já foram processadas cerca de mil fichas pré-catalográficas. O trabalho de instalação e adequação deste banco de dados está sob a responsabilidade da empresa italiana Drake, com sede em Milão.

O Departamento de Documentação e Difusão Cultural do MCDB assumiu a catalogação das coleções que envolve todas as curadorias e é um processo de extrema responsabilidade, pois determina a numeração dos objetos, descreve seu percurso tanto interno quanto externo ao museu, registra todos os fatos pertinentes a vida do objeto no museu e torna possível a disponibilização desses dados à pesquisa de especialistas, estudiosos, professores que podem desenvolver programas didáticos em consonância com a grade curricular das escolas onde atuam, e seus alunos, aproximando o museu das escolas e da sociedade em geral, propiciando o acesso ao conhecimento e a cultura a todos os integrantes da comunidade.

⁹ Pesquisa realizada no Arquivo Histórico e Documental do Museu das Culturas Dom Bosco. em documentos específicos como Cartas de Doações, Aquisições e Ofícios.

Arqueologia

Figura 5 - Pontas de Flechas



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2005)

Integrada ao Setor de Ciências Humanas do Museu das Culturas Dom Bosco, a seção de Arqueologia mantém em seu acervo testemunhos da cultura material de povos da pré-história do Brasil e do estado de Mato Grosso do Sul, representando dois períodos: arcaico, com povos caçadores coletores, e o formativo, caracterizado por sociedades dedicadas à agricultura e fabricação de utensílios cerâmicos. Os objetos que compõem a coleção foram coletados em pesquisas de campo ou doados ao Museu.

Além dos artefatos encontrados em Mato Grosso do Sul, a exposição também apresenta objetos oriundos de outros estados brasileiros, como São Paulo, Mato Grosso, Rondônia e Amazonas. Estima-se que todos os utensílios que compõem o acervo tenham aproximadamente 10.000 anos de idade. Alguns objetos chamam a atenção pelas dimensões e originalidade, como as urnas funerárias, e outras pelo material utilizado para sua fabricação, a exemplo das pontas de flechas, feitas de quartzo.

A exposição arqueológica desempenha o papel de divulgadora dos modos de vida das antigas populações que habitaram o território brasileiro. Sua potencialidade pedagógica pode proporcionar grandes avanços dentro do campo cultural em relação não só às escolas, mas também a toda a comunidade de Campo Grande, quando essa

passa a conhecer a história de civilizações pretéritas que atuaram de algum modo na formação identitária desta comunidade.

Tal qual uma ponte que liga um local ao outro, a coleção arqueológica não só estabelece uma conexão entre o passado e o presente como também auxilia as gerações futuras a cultivar o sentimento de pertença por um patrimônio que é seu por direito, assumindo a consciência de que este direito deve ser exercido de forma racional e organizada, para que outras gerações vindouras possam também conhecê-lo e utilizá-lo de forma plena e adequada.

Etnografia

Figura 6 - Bapo Kurireu



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção de Arquivo Audiovisual (2005)

A coleção etnológica do Museu das Culturas Dom Bosco conta com um dos acervos mais importantes do continente sul americano, com objetos que compõem as coleções representativas da cultura material de povos indígenas do Centro-Oeste e da Amazônia, tais como Bororo, Xavante, Karajá, Kalapalo, Tapirapé, Rikibaktsa, Enawenê-Nawê, Terena, Kadiwéu, Kaiowá-Guarani, Tukano, Juruna, Dessano, Hupde, Kobeo, Piratapuia, Tariano, Baniwa entre outros.

Os primeiros povos a terem contato com os salesianos foram as etnias indígenas de Mato Grosso, uma vez que os missionários se deslocaram para este território a pedido do governo brasileiro, para o desenvolvimento de um trabalho social, devido a

constantes conflitos destes povos entre si e com os fazendeiros da região. Este fato justifica a grande quantidade de objetos representativos das culturas materiais principalmente dos povos Bororo e Xavante no Museu. Foi a partir do contato com esses povos que os salesianos começaram a coletar objetos e a valorizar a cultura e os patrimônios material e imaterial destes povos.

A partir do desmembramento territorial do estado de Mato Grosso, o museu passou a localizar-se em Mato Grosso do Sul, mas com acervo referente a povos habitantes de Mato Grosso, com quem os salesianos haviam convivido até então, e conforme já dissemos, tiveram a chance de coletar material representativo do *modus vivendis* desses e não dos povos de Mato Grosso do Sul.

Recentemente o Museu das Culturas Dom Bosco deu início ao trabalho de coleta de objetos e informações referentes aos povos de Mato Grosso do Sul, a exemplo dos Terena, Kadiwéu, Kaiowá-Guarani, Guató e Kinikinau para que os visitantes locais passem a reconhecer o museu como um espaço cultural de Campo Grande que reproduz a história de sua gente sob novas perspectivas geradoras de um conhecimento maior de si próprio.

Além do grande acervo etnográfico, o Museu desenvolve atividades com as populações indígenas cuja cultura material constitui seu acervo, tanto exposto quanto em Reserva Técnica. Desse envolvimento já nasceram dois museus comunitários, um na Aldeia Bororo de Meruri e outro na Aldeia Xavante de Sangradouro.

Tal iniciativa auxilia no processo de fomentação do desenvolvimento local, uma vez que a comunidade, ao retomar contato com sua cultura passa a desenvolver ações que auxiliam no fortalecimento de sua identidade como povo. Além da implantação dos museus comunitários nestas duas aldeias, o MCDB também desenvolve um trabalho de formação de documentaristas indígenas por meio do PROARI-Programa de Apoio aos Realizadores Indígenas. Esta iniciativa permite que os documentaristas indígenas contem fatos de sua história sob sua própria ótica e não mais a dos não índios.

Em razão do valor histórico e da diversidade tipológica, a coleção etnográfica é muito procurada por pesquisadores das mais diversas áreas. Sua importância didática e

cultural é de inestimável valor para a integração do eu e do outro demonstrando a importância das diferenças para o crescimento mútuo.

Paleontologia

Figura 7 - *Mesousaurus brasiliensis*



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2005)

Parte integrante do Setor de Ciências Naturais, a seção de Paleontologia possui um relevante acervo didático e documental constituído por fósseis oriundos de todos os continentes. Esta coleção testemunha de maneira cronológica e evolutiva diversos organismos que viveram nos diferentes períodos e eras geológicas, servindo de base para o estudo dos seres vivos ao longo do tempo.

Há no Museu das Culturas Dom Bosco uma coleção de fósseis e réplicas com o objetivo de apresentar ao visitante dois ramos da paleontologia: a paleozoologia e a paleobotânica. A primeira trata do estudo e análise dos fósseis animais enquanto se ocupa do estudo dos fósseis vegetais. São exemplares de diferentes eras geológicas, desde o período Pré-Cambriano até o Quaternário, apresentando a diversidade de organismos fossilizados existentes, durante todo o decorrer do tempo.

Destacam-se ainda os peixes fossilizados provenientes da Chapada do Araripe, no Nordeste brasileiro, além de outros exemplares de fósseis de diversos países como Itália, EUA, Inglaterra, entre outros. Dentre estes podemos destacar o *Mesossauros brasiliensis*, com cerca de 1 m de comprimento, e que se encontra em excelente estado de conservação, com idade datada em aproximadamente 250 milhões de anos.

O fóssil desta espécie foi encontrado na bacia do Rio Paraná, no Brasil, e na África, o que vem a reforçar a teoria do Gondwana, que defende o princípio de que todos os continentes estiveram unidos, formando um único bloco terrestre. Os alunos têm a possibilidade de conhecer a história da Terra e as formas de vidas passadas através do acervo da Paleontologia.

As amostras do acervo demonstram sua autenticidade mediante a idade estimada que possuem, podendo ultrapassar mais de 130 milhões de anos. Além de sua importância cultural, os fósseis também apresentam um inestimável valor pedagógico, já que por meio destes é possível a realização de atividades com os alunos das mais variadas faixas etárias. A riqueza expográfica da coleção paleontológica é admirável.

Sua notoriedade ocorre na esfera mundial, o que faz com que sua importância como patrimônio cultural para a humanidade seja imprescindível para o conhecimento da história da Terra. Quem visita a coleção de paleontologia do Museu das Culturas Dom Bosco tem a oportunidade de conhecer várias formas de vida que povoaram nosso planeta há milhões de anos. Os fósseis que constituem a coleção atestam de forma evidente as várias alterações sofridas pela Terra, desde sua origem.

A divulgação deste patrimônio é tão importante quanto sua conservação. É importante que a comunidade esteja sempre em sintonia com este tesouro, que pode ser compartilhado com todos aqueles que a compõem.

Mineralogia

Figura 8 - Muscovita



Foto: Sergio Sato (2008)

Como o próprio nome sugere, a coleção mineralógica tem seu estudo voltado para os minerais, em sua maioria, formadores de rochas. São várias as propriedades apresentadas pelos minerais: brilho, dureza, peso, composição química, entre outras.

Um único mineral pode reunir várias propriedades, segundo o mineralogista James Dwight Dana (1969). Além de suas características físico-químicas, os minerais são conhecidos por sua importância econômica, beleza e raridade e constituem o alicerce das civilizações.

Pertencente ao Setor de Ciências Naturais do Museu das Culturas Dom Bosco, a Seção de Mineralogia possui um acervo diversificado, constituído desde os minerais mais comuns como o quartzo e a pirita, até os mais raros, a exemplo da cornetita e a eudialita. A coleção prioriza o conhecimento didático-pedagógico. As exposições de amostras são próprias para a realização de atividades educativas sobre o patrimônio científico-cultural.

Toda a coleção de mineralogia foi montada por João Falco (SDB) e se destaca pela quantidade de peças doadas. Falco catalogou todos os minerais após as várias doações, tanto nacionais quanto internacionais. O Sr. Agricio Martins, advogado de profissão, foi um dos vários doadores que contribuíram para a incrementação do acervo de mineralogia, doando cerca de sessenta e oito minerais.

Falco utilizou uma classificação baseada nos critérios adotados por Hugo Strunz. Modificada por Dana, esta classificação apresenta cinco grandes grupos: Elementos Nativos, Sulfetos e Arseniatos, Halóides, Óxidos e Sais Oxigenados. A existência do acervo de Mineralogia no Museu das Culturas Dom Bosco, propicia o desenvolvimento de aulas expositivas, apoiadas por material ilustrativo em geral, no caso, o próprio acervo do museu, o que facilita a aprendizagem neste momento de primazia do visual.

A origem dos minerais que compõem o acervo do Museu é bastante diversificada, assim como sua quantidade. São cerca de 780 amostras entre exemplares do Brasil e de outras partes do mundo. A presença da coleção mineralógica reforça o papel educativo do Museu das Culturas Dom Bosco, pois propicia a aproximação das

escolas e da sociedade em geral ao conhecimento de uma ciência natural que está presente em nosso dia-a-dia e nos darmos conta disso. Seu conhecimento e preservação devem ser considerados como aspecto fundamental para a consolidação do desenvolvimento local.

Zoologia

Figura 9 - Borboletas



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2005)

Idealizada por João Falco, a Seção de Zoologia encontra-se dividida em duas grandes Subseções: Invertebrados e Vertebrados. Dispõe de um acervo riquíssimo com espécimes oriundos de diversas partes do Brasil e do mundo.

A coleção de invertebrados é a maior do museu, destacando-se a malacologia, cujo acervo é um dos mais completos do país, em relação ao número de exemplares, diversidade de espécies e como testemunhos de organismos já extintos em algumas regiões do Brasil. A coleção entomológica também compõe a subseção de invertebrados, representada por uma variedade de insetos que no contexto patrimonial dispõe de um grande potencial científico.

Já a coleção de Vertebrados é composta por diversas espécies de animais taxidermizados, com exemplares de peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Esta

coleção desperta a atenção do público pela rica representatividade da fauna brasileira. A coleção dos animais vertebrados é composta por exemplares que habitam o Pantanal. É possível encontrar alguns animais exóticos. De todas as exposições visitadas pelas escolas e pela comunidade campo-grandense, é a zoologia a mais procurada, possivelmente não só pela quantidade de animais taxidermizados, mas provavelmente pela diversidade de espécimes apresentados. Não só os turistas estrangeiros sentem-se admirados com os exemplares da fauna brasileira, mas até mesmo muitos brasileiros se surpreendem com os animais existentes, muitos dos quais são desconhecidos por grande parte da população local.

A Zoologia também está presente nas atividades do Programa de Didática Museal Aplicada-PRODIMA e promove além da conscientização ecológica, o conhecimento e a valorização de um patrimônio que pertence a todos nós. Somente por meio de conhecimento geral de outras formas de vida é que podemos preservar nosso legado, possibilitando assim a consolidação do desenvolvimento local.

É importante destacar que a coleção zoológica fará parte de um espaço que ainda não teve sua construção iniciada, mas seus objetos têm sido utilizados em exposições temporárias.

2.4 O MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO NA ATUALIDADE

Desde sua fundação, o Museu das Culturas usou por modelo uma museologia tradicional quanto à forma de exposição adotada em relação às coleções. Esta forma de exposição, não só adotada por muito tempo pelo MCDB, mas também por outros museus ao redor do mundo, consistia na exibição de todas as peças sem a preocupação quanto ao enfoque temático específico das coleções existentes. As sedes anteriores do Museu também contribuíram para que esta forma expográfica tivesse sido utilizada por muito tempo. Durante o tempo em que estiveram localizadas na Rua Barão do Rio Branco, as coleções do Museu eram expostas em conjunto, sem que houvesse algum critério para distingui-las. Tanto os objetos indígenas, quanto animais taxidermizados fósseis e minerais dividiam o espaço expositivo do antigo Museu.

Esta condição dificultava que o visitante pudesse apreciar o valor existente em cada objeto exposto. Somado a isto, todo o percurso se dava por uma espécie de labirinto estreito e muito abafado, uma vez que a ventilação não cobria todo o espaço expositivo. Por essas razões, havia a necessidade de que, não só as coleções, mas todo o Museu estivesse inserido em uma nova contextualização museológica. Os novos conceitos de uma museologia moderna, voltada para exposição com enfoques temáticos, tomariam forma no novo Museu que viria a seguir.

No ano de 2003 iniciou-se o projeto de reestruturação do Museu, coordenado pela Prof^a Dr^a Aivone Carvalho e Prof^a Dr^a Dulcília Silva. O projeto previa não somente a construção de um novo edifício para o museu, mas também uma mudança conceitual que pudesse valorizar a expografia de cada coleção separadamente e repensar sua função didático pedagógica quanto à produção e difusão de conhecimento para comunicá-la às escolas ao público em geral e, principalmente, às comunidades indígenas cujas coleções encontram-se no Museu.

A construção do novo espaço do Museu foi realizada no Parque das Nações Indígenas, localizado nos altos da Avenida Afonso Pena e oficializada por meio da assinatura de um convênio entre a Universidade Católica Dom Bosco e o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, cabendo a *Associazione Missioni* Don Bosco, com sede em Turim, na Itália, o financiamento do projeto.

A nova localização do Museu marca uma fase inédita em sua história e em sua trajetória, pois a estrutura adotada vem ao encontro do papel que os museus desempenham frente às comunidades escolares e à sociedade em geral. Sua diversidade quanto ao caráter das coleções, foi preponderante e decisiva para sua nova fase no que diz respeito à produção de conhecimento.

A grande diversidade do acervo fez com que se tornasse necessária a reorganização deste espaço expositivo. Depois de muitos encontros e discussões chegou-se ao consenso de que seria melhor dividir o espaço de acordo com sua especificidade determinando-se um espaço para as Ciências Naturais e outro para as Ciências Humanas. O Prof. Giovanni Pinna, paleontólogo e ex-diretor do Museu de

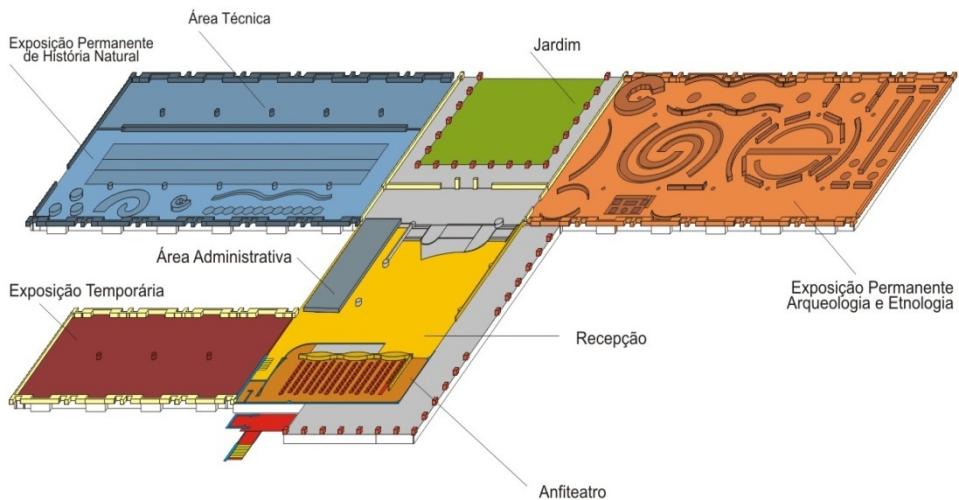
Roma, que esteve em 2005 no Brasil para uma visita técnica ao Museu foi uma figura fundamental para que se chegasse a um acordo.

Segundo afirmações do referido estudioso, as coleções possuem valores distintos do ponto de vista do conhecimento humano: os acervos das Ciências Humanas têm um caráter científico, histórico e documental, enquanto as Ciências Naturais possuem um aspecto didático e quantitativo (insetos, conchas, minerais e paleontologia), embora os vertebrados possuam um excelente valor documental. Diante dessa diversidade do acervo não era possível considerar o museu como um espaço uniforme e indivisível. As coleções expostas no antigo espaço estavam localizadas em um mesmo setor, o que dificultava a contemplação por parte do visitante, além de didaticamente não ser adequado abrigar exposições com tipologias tão diversas.

Este esquema expositivo constituía um obstáculo para a consolidação do valor de cada peça componente do acervo. Para o Prof. Pinna, tal situação constituía um empecilho para que o museu desenvolvesse projetos na área educacional, bem como na organização da documentação científica. A partir daí decidiu-se que o primeiro espaço a ser construído abrigaria o acervo mais significativo do museu, o de Etnologia, e o acervo de Arqueologia.

O outro complexo, que abrigará o acervo das Ciências Naturais, tem previsão para ser construído a partir do ano de 2010. Por enquanto, está sendo montada a exposição temporária que desenvolverá o tema “Origem da Vida” envolvendo parte do acervo das Ciências Naturais.

Figura 10 - Mapa do MCDB



A estrutura física do MCDB consta de dois espaços expositivos, um permanente e um temporário; um hall de entrada, com rampa de acesso para portadores de necessidades especiais; um auditório; além de cinco banheiros, sendo dois para uso privativo dos funcionários, um para cadeirantes e os outros dois para visitantes; loja; recepção e guarda-volumes.

No piso superior há o setor administrativo, composto por duas ilhas de computadores uma para uso das Ciências Humanas e a outra para Ciências Naturais, além do setor de Documentação e Difusão Cultural. O museu também dispõe de um terraço de onde o visitante pode contemplar o Parque das Nações Indígenas, uma das vistas mais sedutoras de Campo Grande. Aí também acontecem eventos culturais abertos ao público, como apresentação de grupos de danças.

Assumindo uma postura contemporânea, o museu não só cumpre sua missão de preservar, pesquisar e expor as coleções, como também, a importante função de espaço propício às experiências educativas com a finalidade de sensibilizar o público sobre sua riqueza patrimonial. As atividades didático-pedagógicas com grupos escolares das mais variadas faixas etárias auxiliando, no planejamento dos conteúdos e de atividades didático-museais aplicadas em capacitar professores da rede pública e privada de ensino, desenvolvendo programas que oferecem suporte teórico e prático aos educadores que buscam no acervo do Museu subsídios para complementar seus planos de ensino.

Assim, o museu consegue atender a dinâmica de pesquisa e produção de conhecimento e alcançar o objetivo fundamental de aproximar a sociedade do patrimônio cultural que é seu por direito, possibilitando uma interação desta com a cultura que está presente dentro de cada indivíduo que compõe esta sociedade.

Hoje o projeto arquitetônico e expográfico do museu propicia uma nova forma de comunicação aos seus visitantes. Imagens, sons, cores, linhas, constroem um campo de força que atrai o espectador e o leva a repensar seus conhecimentos, analisar diferenças e aproximar culturas. O Museu das Culturas Dom Bosco assume assim uma postura de divulgador cultural e de parceiro comunitário frente à sociedade campograndense propondo um novo modelo de interatividade em que a aquisição de conhecimento pela comunidade da qual o museu faz parte, não ocorre de forma unilateral.

O caráter científico e didático do Museu das Culturas Dom Bosco possibilita o conhecimento sobre o modo de vida de outras civilizações por meio dos objetos que atuam como testemunhos de ações das sociedades precursoras em relação a trajetória do homem no planeta. Enfim, o papel das coleções existentes em um museu vai além de sua mera exposição para visitação e deleite do público. Sua atuação também está presente no campo pedagógico e informático. Muitas vezes a compreensão por parte dos visitantes que vão aos museus não ocorre de forma clara e objetiva. Para Hellwing (2008) “são os acervos que contam a histórias de formação do lugar, como também as histórias das pessoas envolvidas no processo”.

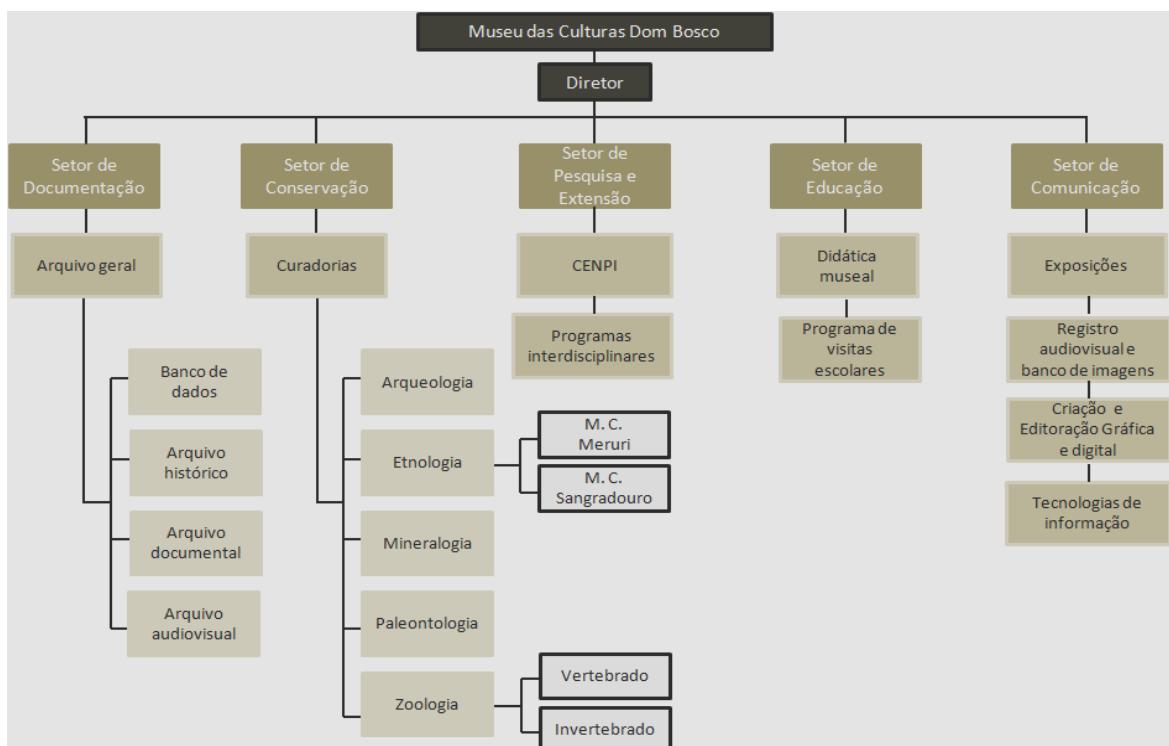
De acordo com Funari (2006) há pessoas que não possuem uma percepção sobre a importância que estes monumentos têm dentro da história do local onde vivem, e até mesmo da importância que eles possuem em suas vidas, pois os patrimônios revelam parte da história de cada indivíduo pertencente a uma sociedade. Entende-se que a preservação da memória viva de um patrimônio não deve ser jamais esquecida, pois também é através dela que uma comunidade conhece sua história e sua cultura, valorizando-as e reafirmando sua identidade, para que esta seja conhecida e preservada pelas gerações futuras.

2.4.1 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Como já informado, o Museu das Culturas Dom Bosco está ligado à Universidade Católica Dom Bosco, portanto caracteriza-se como museu universitário e como tal precisa ter uma atuação profícua na área de pesquisa e produção de conhecimento científico. Acadêmicos e professores, museu e universidade abrem-se aos trabalhos de caráter didático e pedagógico junto às comunidades escolares que visitam o MCDB. Assim, o funcionamento interno do Museu das Culturas Dom Bosco passou a seguir uma estrutura organizacional que envolve não só setores do próprio Museu, como também da Universidade Católica Dom Bosco.

A Diretoria encarrega-se pela administração geral do Museu, atuando juntamente com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Católica Dom Bosco. As curadorias respondem pela preservação, conservação, higienização, restauração de objetos, ampliação do acervo e complementação das pesquisas sobre o mesmo. O organograma abaixo resume a organização funcional do Museu das Culturas Dom Bosco.

Figura 11 - Organograma



2.4.2 EXPOSIÇÃO PERMANENTE

A Exposição Permanente não representa somente um mosaico cultural e identitário de povos que habitam o Brasil, mas também é o testemunho vivo de uma possibilidade de interação cultural entre o visitante e os donos das produções que ali se encontram expostas.

Figura 12 - Mapa da Exposição Permanente



Os 948m² disponíveis para a exposição de longa duração foram divididos nos seguintes setores:

- Memórias do Museu Dom Bosco (representada pela cor cinza)
- Arqueologia: Coleção Arqueologia do Brasil (representada pela cor azul)
- Povos de Mato Grosso do Sul (representada pela cor amarela)
- Povo Bororo: Coleção Albisetti & Venturelli (representada pela cor vermelha)
- Povo Xavante: Coleção Giaccaria & Heide (representada pela cor preta)
- Povo Karajá: Coleção Falco & Venturelli (representada pela cor laranja)
- Povos do Rio Uaupés: Coleção Bruzzi & Beksta (representada pela cor verde)

Memórias do Museu Dom Bosco

Ao adentrar a Exposição Permanente, o visitante tem acesso à Sala de Memórias do Museu Dom Bosco, que faz uma breve referência à trajetória do antigo museu, desde sua fundação, ocorrida em 27 de outubro de 1951, até os dias atuais. Este espaço tem forma circular. Do lado esquerdo, é possível ver registros fotográficos sobre as tradições e modo de vida de alguns povos indígenas com os quais os salesianos mantêm contato até os dias de hoje, entre os quais Bororo e Xavante, desde sua chegada ao Brasil em 1894.

Também estão presentes fotografias dos Karajá e Povos do Rio Uaupés. Através de painéis explicativos em português e inglês a Sala de Memórias faz um relato sobre a chegada e o trabalho desenvolvido pelos salesianos junto às etnias citadas. Ao centro, vem do teto uma projeção de imagens que apresentam o museu em sua antiga forma expositiva.

O espaço também exibe fotos de alguns missionários salesianos que atuaram nas missões com a finalidade de desenvolver um trabalho social junto às comunidades indígenas. Do lado direito, estão expostas fotos de alguns dos principais personagens que participaram de forma preponderante na história e na formação do Museu das Culturas Dom Bosco, começando por Félix Zavattato (SDB), que em 1948, idealizou a criação do Museu Regional Dom Bosco, cujo propósito era o de divulgar a riqueza dos povos indígenas com os quais os salesianos mantinham contato, além da diversidade da fauna brasileira.

Junto ao retrato de Félix (SDB), está o do João Falco (SDB), que atuou como diretor do Museu, de 1975 até 1996, ano de seu falecimento. Completando a galeria de pessoas ilustres, estão Ângelo Venturelli (SDB), César Albisetti (SDB) e o ancião Bororo Tiago Marques Aipobureu. O ancião Bororo Tiago Aipobureu foi o principal coletor de informações referentes à cultura de seu povo, sendo também o principal informante para a elaboração da grande obra dos salesianos Ângelo e César, a Encyclopédia Bororo, inclusive, ao lado das fotos estão os clichês, chapas laminadas utilizadas para a ilustração das fotos estampadas na Encyclopédia Bororo.

A Sala da Memória estabelece assim uma forte conexão entre o passado e o presente do MCDB.

Arqueologia: Coleção Arqueologia do Brasil

Figura 13 - Exposição da Arqueologia



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2009)

A Coleção de Arqueologia do MCDB contém cerca de 250 objetos, entre os quais urnas funerárias, objetos que remontam a um período de 10.000 anos. A exposição arqueológica está representada pelos vestígios que marcam a passagem de civilizações pela Terra. No museu, esses sinais históricos estão expostos de forma que o espectador sinta-se em um sítio arqueológico descobrindo as cerâmicas/índices dos povos ceramistas e os objetos/símbolos dos caçadores coletores. Os objetos são provenientes dos estados do Amazonas, Rondônia, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Grande parte dos objetos encontrados na Região Centro-Oeste estava localizada nas proximidades dos municípios de Corumbá-MS e Cáceres-MT.

Algumas peças pertencentes à coleção Arqueológica foram obtidas por meio de doação de proprietários rurais que as encontraram em suas terras, enquanto outras, através de escavações. Dois expositores laterais apresentam pontas de lanças e machados e outros objetos que indicam dois períodos distintos da Pré-História, no caso,

a Idades da Pedra Lascada (Período Paleolítico) e Pedra Polida (Período Neolítico), sendo que no primeiro período o homem era nômade e vivia da caça de animais, ao passo que na segunda fase passa a ser sedentário, além de cultivar alimentos e domesticar animais.

As urnas funerárias chamam a atenção devido suas dimensões e pela forma como os corpos eram nestas depositados, o que pode ser visualizado por meio de uma radiografia que demonstra a posição em que eram colocados os cadáveres dentro destes utensílios. Os corpos ficavam acondicionados em posição fetal, como se voltasse ao ventre materno. A coleção arqueológica possibilita a descoberta dos modos de vida de civilizações pretéritas por parte da população em geral, aproximando-a não só do conhecimento destes modos de vida, mas também da história da própria humanidade.

Povo Xavante: Coleção Giaccaria & Heide

Figura 14 - Exposição Xavante



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2009)

A coleção Etnográfica é composta por cerca de 800 peças pertencentes a povos indígenas do Brasil como os Xavante, Bororo, Karajá, Povos do Rio Uaupés, Kalapalo, e etnias de Mato Grosso do Sul. Todas as peças foram obtidas por meio de doações feitas pelos próprios indígenas aos salesianos. Alguns objetos são de uso quotidiano enquanto outros se caracterizam por seu uso em rituais e cerimônias. Todas as coleções foram montadas sob a supervisão de representantes de cada etnia. As peças que

compõem este acervo constituem um patrimônio de valor inestimável, pois revela a cultura e a identidade de povos, constituindo um legado de grande importância, digno de respeito e de toda a consideração.

O espaço expográfico Xavante atualmente é denominado “Giaccaria & Heide”, em homenagem aos dois salesianos que realizaram a coleta do material que compõe a coleção disposta em espirais representando o ciclo do sol, das estações, dos solstícios, da lua, da morte, do mundo dos sonhos, alucinações e intuições, que caracterizam a essência do viver xavante.

A espiral é a energia vital em movimento, e aí os Xavante escolheram representar seus ritos mais importantes os religiosos e os de passagem. Segundo Valeriano Rāiwi'a Werehité, responsável pela escolha do tema e distribuição dos objetos na exposição, para os Xavante, os ritos religiosos são atos coletivos que, a partir de sua introdução na vida de cada um, são celebrados ininterruptamente e sem alterações. Já os ritos de passagem são vivenciados uma única vez na vida pelas pessoas, não havendo retorno. Sem a realização destes, o Xavante não pode participar de forma ativa na vida social da comunidade e tão pouco tomar decisões juntos aos demais membros.

A religiosidade e o apego às tradições são traços marcantes do povo Xavante. Tal afirmação pode ser constatada por meio da apresentação de imagens em projetores que estão localizados na própria exposição e que apresentam danças e rituais realizados pelos Xavante. Cerca de 227 objetos representativos desses momentos sagrados que permeiam a vida desse povo estão expostos na coleção.

Além da exposição das peças, é possível se obter informações históricas sobre os Xavante através de painéis explicativos em português e inglês. A exposição Xavante contextualiza a religiosidade e modo de vida deste povo sem perder em seu propósito explicativo ao visitante. A proposta quanto as informações realizada à culturas Xavante não está dissociada à apresentação dos objetos existentes em sua exposição. A Exposição leva o visitante a pensar não só na funcionalidade de cada objeto apresentado, mas também convida a uma reflexão sobre modos de vidas e culturas distintas de seu ambiente.

Povo Bororo: Coleção Albisetti & Venturelli

Figura 15 - Exposição Bororo



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2009)

O espaço expositivo Bororo, também conhecido como “Albisetti & Venturelli”, conta com cerca de 681 objetos distribuídos conforme a estrutura da aldeia original Bororo, dividida em duas metades: uma representativa dos Ecerae e outra referente aos Tugarege (cada qual com objetos significativos para a população representada). Na parte central originalmente ocupada pelo Baito (Casa dos Homens) local de celebração da vida e da morte, está representado o pátio onde ocorre o funeral e por isso denominado Caminho das Almas.

Este espaço concentra toda a religiosidade do povo Bororo, materializada na beleza dos parikos, cocares ornados com penas de araras e de outras aves, além de objetos de caráter sagrado. De todos os locais existentes em uma aldeia Bororo, é o pátio que possui maior importância para este povo.

Os próprios Bororo se autodenominam BOÉ, que quer dizer, “pátio, lugar central”. Paralelamente ao Caminho das Almas estão dispostos oito expositores de vidros verticais que representam os grupos familiares existentes na sociedade Bororo.

São quatro expositores localizados à esquerda, e mais quatro à direita. Os objetos expostos nestes espaços são utilizados pelas respectivas famílias.

Completam a exposição Bororo o ké, objeto de grandes dimensões em forma de rede de pesca e os arcos ceremoniais, adornados com penas de araras e pelo de vários mamíferos. A beleza da arte plumária Bororo revela o conhecimento apurado sobre arte e estética em todas as suas nuances.

Povo Karajá: Coleção Falco & Venturelli

Figura 16 - Exposição Karajá



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2009)

A coleção Karajá também fascina pelo esmero e a forma apurada com os quais estes artefatos são fabricados. Podemos citar como exemplo as toucas Karajá, feitas com penas das mais variadas espécies de aves existentes na fauna brasileira. A diversidade de cores das plumas impressiona a todos que contemplam a exposição Karajá. Outro trabalho marcante são os grandes cocares utilizados pelos caciques das aldeias e que estão expostos no chão da Exposição Permanente, dentro de redomas de vidros, preenchidas por espelho.

O mito de origem dos Karajá aparece representado no expositor central onde estão presentes as bonecas Karajá feitas de cerâmica que representam o quotidiano e

modo de vida deste povo. Paralelamente à direita está um expositor que contém roupas, adornos e utensílios de uso ritual e festas, enquanto à esquerda estão situados objetos como arcos, flechas, remos, abanicos e pentes feitos de madeira. Lanças e bordunas suspensas em dois expositores complementam a exposição Karajá.

Entretanto, a identidade deste povo está além de seus artefatos apresentados. A exposição é apenas um primeiro passo para a compreensão e o consequente respeito e admiração pela nação Karajá e por sua cultura e tradições.

O Museu é responsável pela salvaguarda de 598 objetos representativos da cultura material desse povo, dos quais 430 estão em exposição. Expositores em formato circular situados no chão exibem cocares Karajá, distinguidos por seu tamanho e pela utilização de plumas coloridas de algumas aves, a exemplo do colhereiro.

Povos do Rio Uaupés: Coleção Bruzzi & Beksta

Figura 17 - Exposição Povos do Rio Uaupés



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2009)

Tukano, Desana, Kobeu, Tariana, Pira-Tapuia, Tuiuca, Paracanã, Taiwano, Wanana são algumas das mais de 20 etnias que habitam as margens do rio Uaupés, também conhecido como rio Negro, na Amazônia brasileira. A convivência pacífica e fraterna entre tantos povos obedece a uma hierarquia proveniente dos mitos. A reunião de tantas etnias em um único ecossistema propiciou a origem de uma cultura material

muito próxima no que se refere aos materiais, diferindo apenas nos detalhes das insígnias representativas de cada povo.

O espaço expográfico é caracterizado por objetos da cultura material desses povos dispostos esteticamente ao longo do rio metaforizado: onde o rio termina, acaba a vida, aprisionada na sala das máscaras *Vestes de Lágrimas*, dentro do círculo sagrado, para dar origem a um novo começo.

A maioria dos objetos desta coleção foram coletados e devidamente documentados pelos salesianos Alcionílio da Silva (SDB) e Casimiro Beksta (SDB) e estão em exposição cerca de 203 objetos. É muito grande e considerável a quantidade de objetos fabricados pelas etnias do rio Uaupés, desde cestos de palha trançada até instrumentos musicais, como flautas e tambores.

A religiosidade destes povos também está representada através das *Vestes de Lágrimas*, roupas fabricadas a partir de fibra vegetal. Sua utilização ocorre durante o funeral quando as pessoas já mortas são homenageadas. A riqueza cultural das diversas etnias que habitam o rio Negro demonstra a força de sua história e identidade.

Povos de Mato Grosso do Sul

Figura 18 - Exposição Povo do Mato Grosso do Sul



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2009)

O espaço dedicado às etnias de Mato Grosso do Sul representa a proximidade destes povos com o mundo moderno. Ocas feitas em bronze abrigam artesanatos feitos por alguns destes povos, a exemplo dos Kadiwéu, Kaiowá-Guarani, Terena, e Kinikinau.

A exposição ainda não está completa, pois há uma escassez de material referente a outros povos como Ofaié, Guató e Atikum. A escassez de material produzido pelos povos de Mato Grosso do Sul para exposição ao público no Museu das Culturas Dom Bosco se deve ao fato de que as primeiras culturas com as quais os salesianos mantiveram contato foram os Xavante e Bororo, que vivem em Mato Grosso.

O Museu das Culturas Dom Bosco pretende realizar um trabalho de coleta de objetos referentes a essas etnias com a finalidade não só de implementação da coleção, mas também para divulgar a cultura desses povos que compõem o mosaico cultural e étnico do estado de Mato Grosso do Sul.

Dessa forma caracterizamos o Museu das Culturas Dom Bosco como um espaço de cultura, mas este se constitui também como espaço educativo, através do qual é possível estabelecer uma conexão entre a comunidade e o saber. Quanto a isto o museu organizou-se segundo dois grandes projetos o museológico e o educativo. Para esse trabalho vamos nos restringir ao Projeto Educativo.

2.4.3 O PROJETO EDUCATIVO CULTURAL DO MCDB

Ao longo de sua história, o Museu das Culturas Dom Bosco foi se afirmado como importante espaço educacional de apoio ao processo de ensino e aprendizagem desenvolvidas pelas escolas públicas e privadas. Quando tornou-se um museu universitário, esse papel foi intensificado pela prioridade que o caracteriza como um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento.

Soares (2003) afirma que a educação em museus pode tornar possível tanto a popularização do conhecimento científico quanto a formação de uma identidade local, propiciando a todos que os procuram, a preservação e a valorização dos patrimônios

como identidade. Essas características adquiridas nos últimos anos pelos museus passaram a influenciar o processo cultural educativo, exercendo um importante papel na vida das comunidades. Inserido nesse propósito, o museu criou dois programas para atender à demanda escolar, o Programa de Didática Museal Aplicada-PRODIMA e o Programa de Ecologia e Educação Ambiental-PROEEA.

Programa de Didática Museal Aplicada-PRODIMA

O PRODIMA, programa criado para afirmar a principal característica do MCDB como museu universitário e, portanto, estreitamente vinculado à educação, iniciou suas atividades com um trabalho voltado, a princípio, para professores de educação infantil, ensino fundamental (I e II) e ensino médio de escolas de Campo Grande.

A proposta visa propiciar encontros com os professores dando-lhes a oportunidade de conhecer o acervo e verificar possibilidades de este vir a ser um complemento de seu trabalho na escola. A partir desses encontros pode-se construir uma metodologia com estratégias próprias para serem desenvolvidas na escola e outras específicas para o museu, obtendo-se como resultado uma aprendizagem vivida, sentida ouvida e, portanto com um alto nível de assimilação pelo aluno que se transforma em eixo do conhecimento exigindo do professor participação, atenção, estudo e principalmente atitude crítica para interagir com todos os fatores postos em questão, ou seja, museu, escola, conteúdo programático, acervo, patrimônio, memória e identidade.

Agindo assim, o museu busca com esse programa ressaltar sua importância como possibilidade de criar universos inteiros de realidade como um passaporte para a construção da subjetividade, o conhecimento do mundo, a relação com os outros, a experiência de processos internos de prazer e, definitivamente, uma oportunidade para desenvolver-se e viver.

Conforme Gruzman e Siqueira (2007) atualmente os museus assumiram a importante função de tornar-se espaço para experiências educativas com a finalidade de sensibilizar o público sobre sua riqueza patrimonial, tornando o museu, como deseja Studart (2004), um local ideal para a junção entre os aspectos afetivos, cognitivos, sensoriais, de conhecimento concreto e abstrato, assim como, da produção de saberes

capazes de oferecer possibilidades para o aprendizado, a construção da cidadania, e o entendimento do que seja identidade.

O trabalho realizado pelo MCDB junto aos professores do SESC (Serviço Social do Comercio) ilustra bem este papel assumido pelos museus em geral. Foram realizadas atividades com os estudantes tanto na escola quanto no próprio Museu. Palestras, apresentações teatrais de lendas indígenas, realização de atividades pedagógicas e trocas de informações entre os professores e os técnicos em museologia e fotos das atividades realizadas constituíram a temática do trabalho desenvolvido dentro de uma perspectiva voltada para o desenvolvimento local, onde as comunidades escolares possam atuar como gestoras deste processo, através do exercício de descoberta do sentimento de pertença, que deve ser sentido e vivenciado continuamente por todos.

Segundo relatórios apresentados por técnicos em Museologia, tantos professores quanto alunos do SESC demonstraram muito empenho e dedicação nas atividades propostas pelo Museu. Para os educadores do SESC, o MCDB constitui uma ferramenta importante para a complementação da educação não-formal.

Figura 19 - Visita do SESC na Exposição Permanente



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2008)

A presença destes profissionais é de fundamental importância para que possa ser despertado nos alunos o conhecimento e o valor sobre o patrimônio cultural e a necessidade de conservá-lo. Juntamente com o patrimônio cultural, está a memória,

legado inerente a todas as sociedades, e a qual a escola também deve preservar, para que esta não se perca.

Os alunos do SESC compreenderam a proposta apresentada pelo Museu através do PRODIMA, quanto à diversidade cultural dos povos indígenas, aprendendo a valorizá-los e respeitá-los em sua forma de viver e de pensar. Este conhecimento e valorização dos povos indígenas auxiliam de forma eficaz a interação entre indígena e não indígenas, promovendo uma sociedade mais justa e humana.

Programa de Ecologia e Educação Ambiental Aplicada - PROEEAA

Este programa tem por objetivo despertar a consciência dos alunos quanto à importância da ecologia e do meio ambiente e o papel do museu diante da problemática levantada por estas áreas de estudos, por meio de atividades que possibilitam a interação dos estudantes com questões ambientais de forma pedagógica. Atua como ferramenta na complementação do aprendizado para os alunos, podendo ser utilizado pelos professores nas grades curriculares para implementação do conhecimento dos alunos sobre temas relacionados ao ambiente.

Em resumo, o programa objetiva despertar no público o interesse pelos bens naturais, firmando o compromisso do MCDB em aplicar atividades interdisciplinares voltadas para Educação Ambiental que estimulem o desenvolvimento de uma consciência conservacionista; estimular reflexões e críticas diante das problemáticas ambientais, por meio de atividades lúdicas, educativas e científicas que permitam ao público vivenciar nas visitações ao MCDB o conhecimento da biodiversidade, seus aspectos ecológicos e as relações socioculturais; promover pesquisas capazes de gerar temas para produção de projetos de Educação Ambiental levando os visitantes do museu a refletirem sobre si mesmos como parte integrante dos sistemas ecológicos, iniciando um processo de transformação de conduta socioambiental; além de desenvolver um diálogo de conhecimento com a comunidade permitindo que as informações educativas despertem valores conservacionistas pelo patrimônio natural e cultural.

A primeira ação efetiva do programa foi a montagem da exposição temporária denominada PANTANAL BRASILEIRO: Patrimônio Natural da Humanidade e *Reserva da Biosfera*, uma vez que o setor das Ciências Naturais do MCDB possui peças raras, como espécies de animais taxidermizados da coleção zoológica que dificilmente podem ser encontradas ou observadas em seus ambientes naturais, principalmente, as espécies ameaçadas de extinção. Daí a intenção de se disponibilizar um espaço didático-pedagógico envolvendo discussões sobre o Pantanal Brasileiro.

Os aspectos ecológicos do Pantanal foram utilizados para o planejamento do espaço, com a finalidade de contextualizar as características de seus distintos habitats associadas aos animais que aí vivem por meio de estratégias didáticas. Assim, dividiu-se a sala em três nichos ecológicos: cerrado, áreas de florestas e áreas permanentemente inundadas. Foram desenvolvidos painéis didáticos com textos explicativos sobre o Pantanal enfocando as características de tipo de formação do relevo, localização, tamanhos e aspectos ecológicos referentes a esses três tipos de habitat que compunham o espaço.

A proposta foi direcionada para estudantes de todas as faixas etárias, que tiveram a oportunidade de vivenciar nesse espaço, o conhecimento sobre a biodiversidade do Pantanal, seus aspectos ecológicos e as principais ameaças evidenciadas no contexto histórico e atual, entre outros. Estima-se que cerca de 60 instituições escolares visitaram a exposição zoológica, que esteve aberta por seis meses.

Figura 20 - Visita das Escolas na Exposição Temporária



Foto: Setor de Documentação e Difusão Cultural-Subseção Arquivo Audiovisual (2008)

Em resumo, a exposição deu suporte a atividades de educação ambiental promovidas pelas seções de mineralogia, paleontologia, zoologia, arqueologia e etnologia, além de promover o intercâmbio entre as curadorias de Ciências Humanas e Ciências Naturais.

Este capítulo procurou fazer uma descrição funcional interna do Museu das Culturas Dom Bosco e de suas atividades didático-pedagógicas, voltadas para as comunidades escolares na intenção de demonstrar que o museu não quer fazer de suas exposições meras ilustrações dos currículos escolares e sim preparar os educadores de um modo geral, inclusive e, especialmente, aqueles que atuam no museu no que diz respeito às pesquisas de base e o processo de comunicação museológica que se inicia a partir da relação com os objetos e vai desembocar no Desenvolvimento local, quando o museu percebe que o relacionamento com a Escola gera benefícios mútuos, pois ambos passam a propiciar o acesso à cultura e ao desenvolvimento individual e coletivo.

Além disso, a Escola ajuda os educadores de museu a conhecerem como se ensina e como se aprende, a partir de pesquisas e reflexões na área pedagógica e o Museu torna-se um espaço cultural significativo, pois propicia o contato multisensorial com objetos de suas coleções ou exposições, possibilitando a expressão e desenvolvimento da capacidade crítica de cada sujeito.

3 EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO: POTENCIALIDADE DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

3.1 A COMUNIDADE ESCOLAR PESQUISADA

Ao longo de seus mais de 50 anos de existência, o Museu das Culturas Dom Bosco, como a maioria das instituições salesianas, tem seu foco de atenção voltado para a educação formativa de crianças e jovens, fato que se comprova, no caso específico do museu, com o grande número de escolas que já marcaram presença neste espaço cultural.

Isto nos levou a refletir sobre as inúmeras estratégias comunicativas que precisaram ser desenvolvidas para explicitar o conteúdo das exposições, utilizando diferentes linguagens, com a intenção de que o mesmo seja percebido e interpretado pelo educando; sobre a necessidade de planejar conteúdos e atividades de didática museal aplicados à capacitação de professores da rede pública e privada de ensino e de desenvolver uma programação capaz de oferecer suportes teóricos e práticos aos professores que buscam no acervo do MCDB apoio didático aos planos curriculares de ensino. Escolas e museus podem atuar na difusão do conhecimento à sociedade sobre a cultura, materializada no patrimônio cultural que é um legado inerente a todas as pessoas que compõem uma comunidade.

As informações didático-culturais existentes nos museus possibilitam que estes sejam espaços não só para a complementação da educação básica, mas também para a realização desta, despertando, assim, suas próprias potencialidades para o desenvolvimento local. Estas parcerias com as escolas beneficiam também as comunidades escolares, uma vez que essas passam a atuar como gestoras do processo contínuo e ininterrupto do Desenvolvimento Local.

Sendo assim, e por considerarmos fundamental a conscientização do valor do patrimônio cultural para o Desenvolvimento Local é que a dinâmica deste trabalho assumiu como base pesquisas realizadas junto a essas comunidades escolares, com o objetivo de avaliar até onde estas percebem que no espaço do museu se produz um saber

próprio, o saber museal constituído por um campo de significações capaz de provocar a interação/transformação entre o cidadão e os valores culturais, de seu tempo e de sua história.

A escolha da pesquisadora por uma escola localizada em uma zona rural fundamenta-se na hipótese de que estes estudantes não visitam museus, possivelmente devido à distância em que esta se encontra em relação à cidade.

A pesquisa teve como base os estudantes da Escola Municipal Agrícola Governador Arnaldo Estevão de Figueiredo, que estão cursando o Ensino Fundamental (4^a a 5^a) na cidade de Campo Grande-MS, com idades variando entre 09 a 13 anos. A preferência por esta faixa etária originou-se em experiências anteriores da pesquisadora que já havia trabalhado com este segmento de grupos escolares. Outro critério refere-se ao fato de que os alunos do Ensino Fundamental têm um comportamento mais espontâneo se comparados aos alunos do Ensino Médio, fato este comprovado durante os anos de experiência da própria pesquisadora que recebe alunos em visitas programadas pelo Museu.

Ocorreram dois encontros informais com os alunos e com os professores da escola selecionada para a pesquisa, com a finalidade de familiarizar as crianças quanto ao ambiente museal, dando ênfase ao museu como um espaço informal de educação. A metodologia pedagógica adotada pelos museus contribui para o fortalecimento da formação cultural dos alunos em relação ao conhecimento destes espaços didáticos e proporciona aos professores uma maior compreensão quanto ao modo de se trabalhar conteúdos didáticos fora do ambiente, sem que se deixe de lado a metodologia aplicada na escola pelos professores.

O espaço museal constitui um território de significados a ser trabalhado com os alunos de uma forma ampla e recíproca, onde estes realizam suas descobertas em relação à cultura e o conhecimento e contribuem para a interação entre as comunidades escolares e os museus. A parceria entre professores e educadores museais é de fundamental importância para o crescimento sóciocultural dos alunos e dos próprios professores. Almeida (1997) ressalta que a participação da sociedade escolar na educação museal contribui para a preservação do patrimônio cultural e natural.

As respostas fornecidas pelos alunos durante a pesquisa realizada forneceram subsídios para uma análise sobre a visão que estes possuem sobre o Museu das Culturas Dom Bosco e consequentemente sobre seu nível de interação com este espaço cultural.

3.2 NA ESCOLA

A Escola Agrícola Governador Arnaldo Estevão de Figueiredo, localizada na Rodovia MS 451 - Km 10, na região de Três Barras, em Campo Grande-MS, é a única escola do município que oferece aos alunos o Ensino Médio, junto à educação básica, integrado um ensino específico que forma o aluno em Técnico em Agropecuária.

Localizada numa área de 150 hectares, dispõe de uma infra-estrutura de ensino voltada para o meio rural. As aulas teóricas são reforçadas com aulas práticas de bovinocultura, suinocultura, avicultura, piscicultura, além da produção de hortaliças e frutas.

Figura 21 - Localização da Escola Agrícola Governador Arnaldo Estevão de Figueiredo em Campo Grande -MS



Elaboração Frederico Licio Pereira (2010)

Figura 22 - Vista parcial da Escola Municipal Agrícola Arnaldo Estevão de Figueiredo (2010)



Para que houvesse um primeiro contato com os alunos e professores, foi necessário que a pesquisadora se deslocasse até a escola. O acesso até esta é muito difícil, uma vez que se encontra fora do perímetro urbano de Campo Grande. Os alunos dispõem de um ônibus da prefeitura, que os leva até a escola, partindo da Praça Ary Coelho, localizada na parte central da cidade. A pesquisadora realizou o trajeto juntamente com os alunos e alguns professores, em direção à escola. Tanto alunos e professores se mostraram receptivos e acolhedores, fator que foi determinante para que o primeiro contato, e, consequentemente toda a pesquisa, fossem frutíferos. A pesquisadora teve a oportunidade de almoçar com os alunos na escola, que estudam em período integral, retornando para suas residências somente no fim do dia. Após o almoço, os alunos da escola realizam atividades recreativas, das quais a pesquisadora teve a oportunidade de participar. Esta participação foi de grande importância para o estabelecimento de um contato mais próximo com os estudantes.

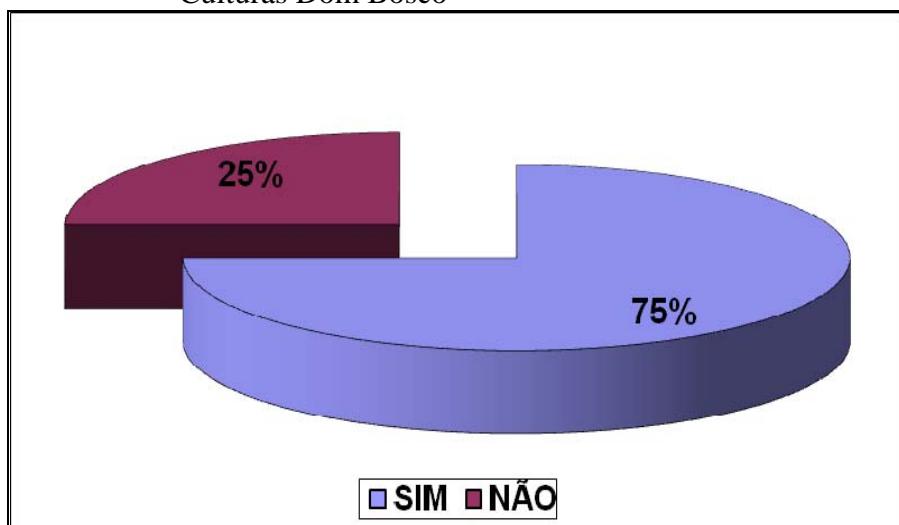
Durante nossa visita à escola, o objetivo foi determinar quantos estudantes tinham conhecimento da existência do Museu das Culturas Dom Bosco. Em um primeiro momento, apresentamos o acervo das Ciências Humanas em *Power Point* com o objetivo de familiarizar os alunos em relação ao Museu. Como técnica, desenvolvemos oficinas envolvendo alunos e professores. Foram abordadas questões como o conceito de patrimônio cultural e memória, a partir da dramatização de lendas e mitos.

A realização destas oficinas foi muito importante, pois os alunos sentiram-se motivados a conhecer o Museu. Alguns deles que tinham afirmado não conhecer o Museu, mostraram-se surpresos com a grande quantidade de objetos presentes nas coleções de Arqueologia e Etnologia.

Outra estratégia da metodologia aplicada refere-se ao contato direto com os objetos didáticos separados das coleções para manuseio pelos estudantes. Este procedimento é fundamental. O aluno tem uma vontade enorme de tocar os objetos e essa oportunidade satisfaz sua curiosidade.

Após a apresentação aplicamos um questionário¹⁰ (ver apêndice A) para que pudéssemos analisar o conhecimento dos alunos sobre o MCDB. As respostas encontram-se, a seguir, dimensionadas em gráficos seguidos de análises.

Gráfico 1 - Alunos que já tinham ouvido falar sobre o Museu das Culturas Dom Bosco



Nota-se que há um elevado percentual de alunos que já ouviram falar do Museu. Embora alguns já tivessem ouvido falar sobre o Museu, poucos tiveram a oportunidade de conhecê-lo in loco. A falta de acesso ou de condições para realizar a visita por parte dos alunos implica a impossibilidade das comunidades escolares em descobrir o

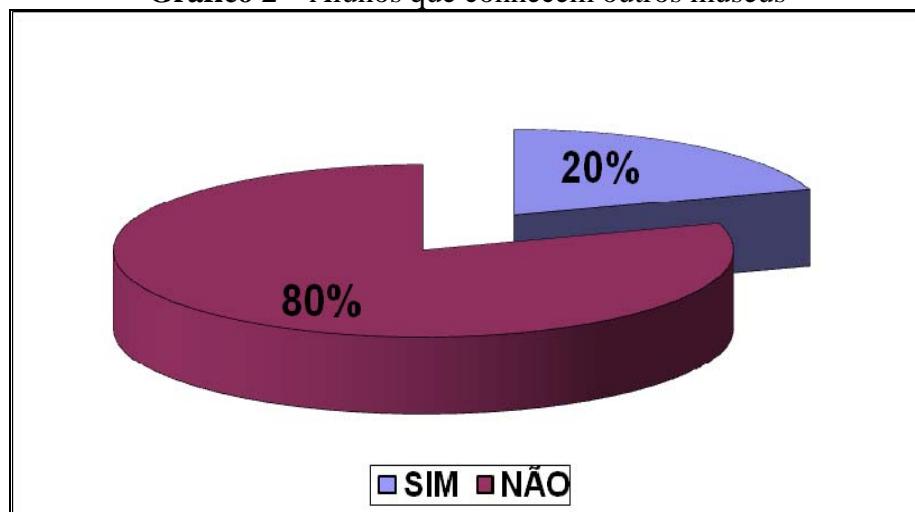
¹⁰ As perguntas foram elaboradas com muito cuidado. Não podiam ter um grau de complexidade muito elevado, considerando o contexto da escola e dos alunos, o currículo do curso escolhido e a idade dos envolvidos, mas precisavam conduzir aos objetivos planejados na pesquisa.

significado e a importância que o patrimônio cultural possui em relação ao crescimento sociocultural.

Quase sempre essa impossibilidade é gerada pela falta de recursos econômicos, de infra-estrutura, como transporte. Chagas (2006) ressalta que “ter acesso à informação sempre foi um privilégio de poucos”. Todavia, na atual conjuntura socioeconômica, considerando a globalização que faz com que as informações cheguem até nós em uma velocidade incrível, não se permite mais esta condição restritiva e tão pouco se pode conceber que as camadas menos favorecidas da sociedade fiquem à margem da aquisição de conhecimento e da cultura.

Muitos dos alunos, durante a realização da pesquisa, tinham uma vaga noção do que o Museu abriga em seu acervo exposto para visitação pública. A interação entre os alunos e o Museu propicia o acesso ao conhecimento e à cultura e fortalece o sentimento de pertença relacionado ao patrimônio cultural, seu por direito.

Gráfico 2 – Alunos que conhecem outros museus

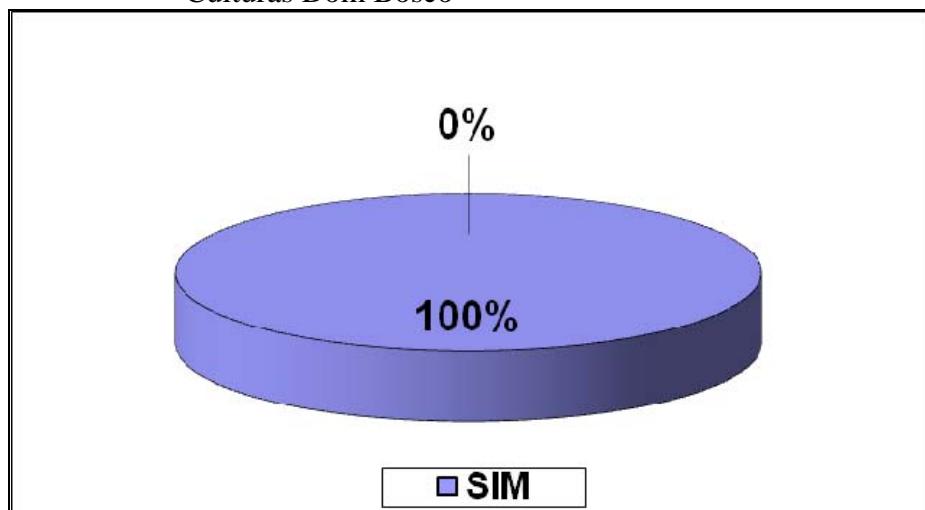


Grande parte dos alunos jamais teve a oportunidade de conhecer outros museus. Esta constatação revela um grande distanciamento entre as comunidades escolares e o patrimônio cultural de um modo geral. Neste aspecto, há uma grande ausência de planejamentos culturais que poderiam atuar como ferramentas para a fomentação do desenvolvimento local junto às comunidades escolares, onde estas atuariam como gestoras de consolidação deste processo de grande valor sociocultural. Bay (2009)

observa que é considerada de fundamental importância a parceria entre museu e escolas para que seja consolidada a existência dos museus, e até mesmo sua sobrevivência, garantindo, desta forma, alto índice de visitação e de público com frequência assídua a estes espaços culturais.

Ações como estas possibilitam não somente o acesso dos alunos aos museus das mais variadas tipologias como também fazem com que estes identifiquem sua própria história e identidade, já que o patrimônio também pertence a estas comunidades.

Gráfico 3 – Alunos que têm curiosidade em conhecer o Museu das Culturas Dom Bosco

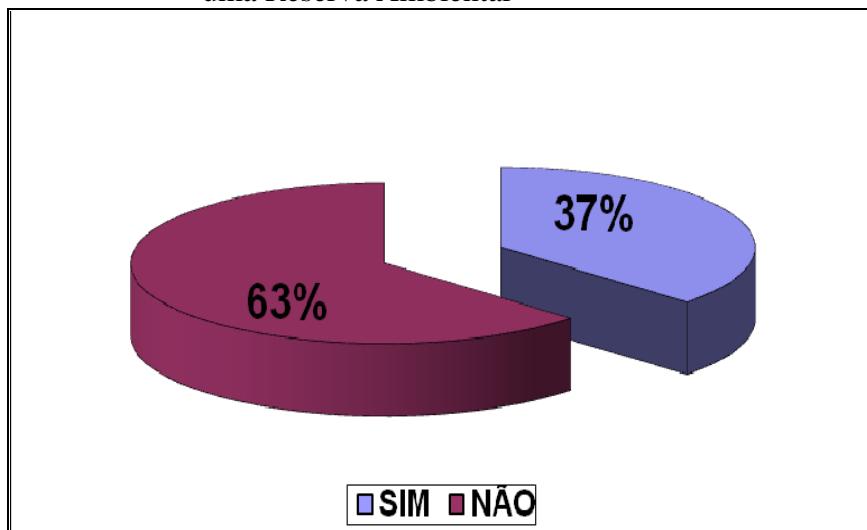


Todos os alunos disseram ter interesse em conhecer o Museu. A realização das oficinas e a apresentação dos slides estimularam ainda mais o desejo dos estudantes em conhecer o MCDB. O contato direto dos alunos com o Museu é de caráter imprescindível, pois só assim os próprios estudantes podem ampliar seu conhecimento cultural, uma vez que o MCDB vem a constituir um desdobramento do território didático-pedagógico, via de regra iniciado nas escolas.

Assim, como nas instituições de ensino, os estudantes têm a possibilidade de desenvolver conceitos e idéias referentes ao patrimônio e por consequência, à memória, intimamente ligada à história de cada membro das comunidades escolares. De acordo com Santos (1996) a principal razão pela qual a comunidade deve estar presente nesta

empreitada, é o fato de que ela é a proprietária e detentora deste legado que é a sua própria cultura, quer seja ela imaterial ou material.

Gráfico 4 - Alunos que sabem que o MCDB está localizado em uma Reserva Ambiental



O gráfico aponta que um grande percentual de alunos sabe ou conhece a respeito da localização do Museu das Culturas Dom Bosco. Esta constatação demonstra que o Museu sempre foi referência para as comunidades escolares, independentemente destas já o terem visitado ou não.

O contato direto dos alunos com o museu propiciou tanto a eles quanto aos professores a oportunidade de interagir com o programa de Didática Museal Aplicada identificando necessidades referentes ao conteúdo oferecido, preenchendo lacunas abertas naturalmente pela tradução diferenciada que cada um faz das atividades propostas, provocando uma reação do Museu, como espaço produtor de conhecimento, no sentido de ter que se adequar às respostas dadas por seu público alvo. Este movimento torna o Museu e as comunidades escolares beneficiários do desenvolvimento local.

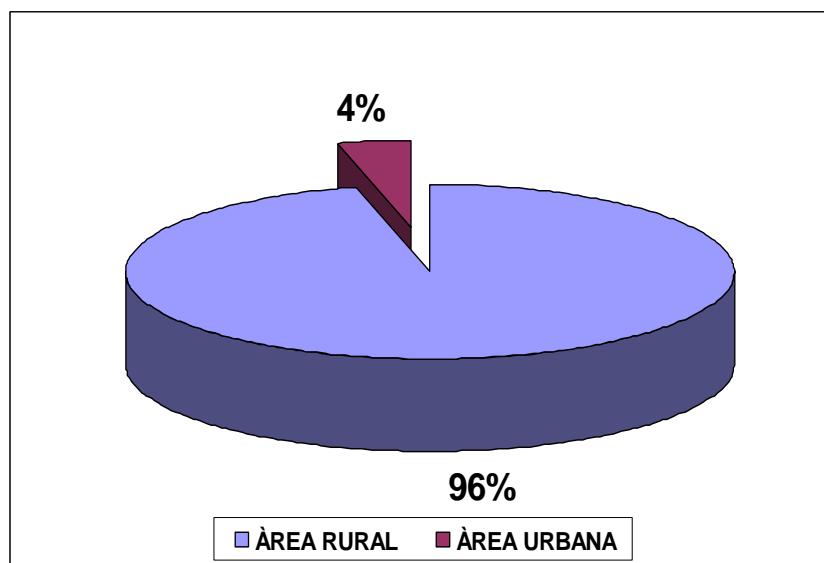
Zapata (2006) ressalta que o desenvolvimento local tem por base a idéia de que as comunidades escolares possuem recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, juntamente com economias de escala não exploradas, constituindo o potencial de seu desenvolvimento. O desenvolvimento local pode realizar

ações múltiplas nos diferentes âmbitos que integram a estrutura organizacional de uma comunidade escolar, além de promover a integração entre todos seus membros.

As escolas são partes integrantes fundamentais e imprescindíveis para que esse desenvolvimento se dê de forma ampla e contínua. Os recursos humanos de uma escola são tão importantes com qualquer outro, pois sem estes seria impossível a construção de um saber próprio e compartilhado. O Museu das Culturas Dom Bosco, por sua vez, constitui um território de significados para os alunos, onde estes podem realizar descobertas que contribuem para sua formação sóciocultural. A interação de ideias entre os estudantes e o Museu pode auxiliar de maneira considerável a implantação do Desenvolvimento Local como processo de crescimento educativo, cultural e social.

A instrumentalização do Museu das Culturas Dom Bosco como ferramenta de fomentação do Desenvolvimento Local ocorre quando as escolas atuam em conjunto desempenhando esse mesmo papel, de grande importância para todos os envolvidos nesta construção cultural. Se melhantemente ao museu, as escolhas podem atuar como mecanismo que possibilitem a prática do Desenvolvimento Local, por meios de estratégias de viabilização deste processo de forma continua e ininterrupta.

Gráfico 5 - Percentual de alunos que vivem em áreas rurais e Urbanas



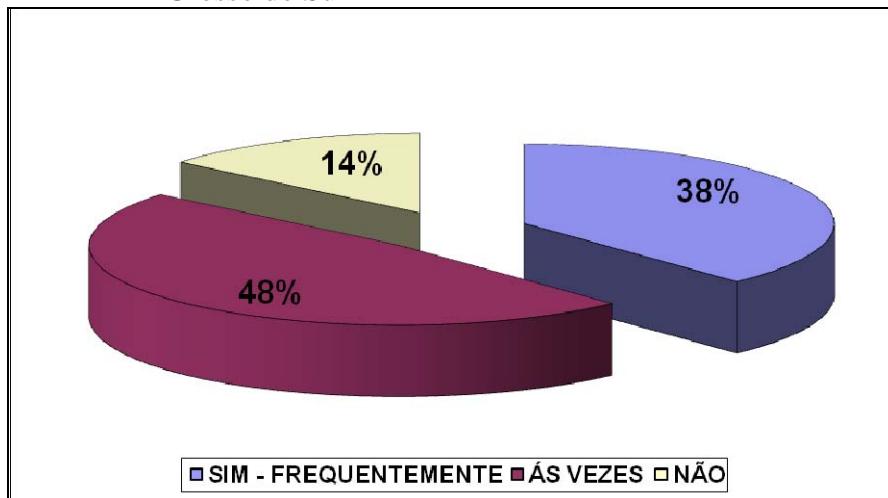
Observa-se pelo gráfico que a maioria dos alunos vive em áreas rurais. Este elevado percentual justifica-se pelo fato de serem, estes jovens, filhos de pais que

residem e trabalham em propriedades rurais, desenvolvendo atividades ligadas à agricultura e pecuária. A Escola Municipal Governador Agrícola Arnaldo Estevão de Figueiredo é a única que oferece aos alunos o Ensino Médio. Junto à educação básica, é integrado um ensino específico que forma o aluno em Técnico em Agropecuária., a escola dispõe de uma infra-estrutura de ensino voltada para o meio rural. As aulas teóricas são reforçadas com as aulas práticas de bovinocultura, suinocultura, avicultura, piscicultura, além da produção de hortaliças e frutas.

Primo (1999) constata esta situação ao afirmar que a comunidade em sua grande parte não é a protagonista da relação de conhecimento cultural, até porque muitos museus ainda não despertaram para o papel que possuem como divulgadores endógenos da cultura e do conhecimento. É dever não só dos museus, mas dos órgãos ligados ao patrimônio incluírem as comunidades escolares no âmbito cultural, por meio da criação, divulgação e realização de projetos e programas de cunho educativo e social, através dos quais todos os cidadãos possam participar, pois além de ser um direito da comunidade conhecer sua história e sua cultura, materializadas nos patrimônios, também é dever desta zelar por esses patrimônios que são seus por direito e que sob hipótese alguma lhe podem ser tirados.

Conclui-se assim que os alunos residentes em áreas rurais precisam ter oportunidades para participar de programas didático-pedagógicos e de ações que venham a ampliar sua aprendizagem formal e consolidar seu desenvolvimento cultural como agentes de produção desse conhecimento, propiciando a construção de uma relação interativa com o Museu, tornando-se conhedor/construtor da história, mas preservando sua própria identidade.

Gráfico 6 - Alunos que vêm sempre a Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul



Mais de 30% dos alunos afirmaram que vêm a Campo Grande. Outros 48% disseram vir esporadicamente. E 14% afirmaram não vir com tanta frequência. Estes dados são de fundamental importância não somente para se verificar o nível de interação por parte dos alunos com a área urbana de Campo Grande, mas também com o próprio Museu. A maioria dos que vem a Campo Grande, está acompanhada de seus pais. Esta vinda pode ter como motivo apenas acompanhar os pais, ou a realização de algum tratamento médico, visitar parentes, fazer compras entre outros.

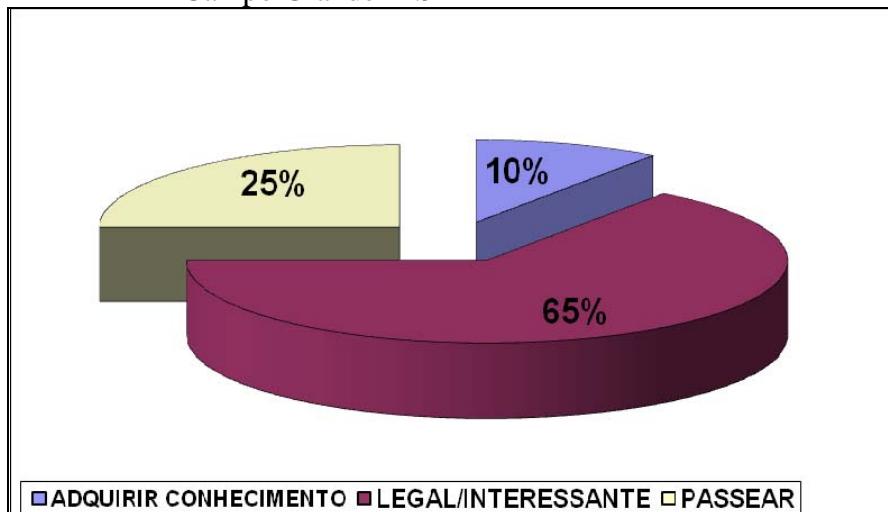
Um detalhe que nos chamou a atenção durante a aplicação do questionário foi o fato de que grande parte dos entrevistados não sabia o significado do termo geográfico “capital”. Mediante isto, a entrevistante buscou explicações simples e objetivas para facilitar a compreensão e assimilação do conceito.

Este fato merece consideração, por estar relacionado a questão da identidade, desconhecida não somente pelos alunos, mas por grande parte da população em geral. Infelizmente, o conceito de identidade, pátria, origem, parece ter sido relegado pelas escolas e os próprios professores já não abordam estas questões com os alunos. Os alunos desconhecem até mesmo a história do bairro, da cidade, do estado e do país onde vivem.

A ausência de conhecimentos como este influencia de forma negativa na formação didática dos alunos. Quando se passa a ter conhecimento sobre algo, o instinto de valorização é automático. Aquilo que é conhecido passa a ser protegido, e divulgado. Tal situação ocorre com a identidade, O conhecimento das origens, das tradições, da cultura, faz com que o sentimento de pertença seja despertado dentro de cada um de nós, motivando a proteção e valorização daquilo que nos pertence.

O aspecto que remete ao passado histórico é um dos fatores mais importantes para percepção e compreensão sobre o sentimento de pertença de um povo ou de uma comunidade, já que este possui relevância nos sentimentos de amor e afeto atribuídos ao lugar (TUAN, 1980).

Gráfico 7 - Respostas dos alunos quanto ao significado da visita a Campo Grande-MS



Questionados sobre o significado da visita a Campo Grande, 65% dos alunos disseram ser muito “legal” ou interessante visitar a capital sul-mato-grossense; 25% revelaram que gostam de vir para passear, enquanto 10% afirmaram que visitam a cidade para adquirir conhecimento. Nesse ponto da conversa fomos remetidos a questões que envolvem território e territorialidade, visto que o conceito de território não se resume pura e simplesmente ao espaço físico, mas abrange também a questão do conhecimento e ideias.

Os indivíduos não realizam somente um deslocamento geográfico do espaço onde vivem para outros locais, mas também adentram os territórios culturais existentes

em outras localidades. O contato com o cotidiano diferente daquele vivido por eles os auxilia a conhecer uma realidade sociocultural que pode em muito beneficiá-los, uma vez que a apreensão de novos conceitos didáticos e culturais contribui para sua formação como “pessoa”¹¹, no caso dos alunos, foco de nossa pesquisa, contribui principalmente para sua formação como futuro profissional e como cidadão engajado em questões sociais relevantes.

O espaço geográfico de uma nação é o seu território. E no interior deste espaço há diferentes territórios, constituindo o que Haesbaert (2004), denominou de multiterritorialidades. Por multiterritorialidades entende-se a existência de espaços (não necessariamente físicos) com grandes variedades culturais, sociais e econômicas, que compõem um universo de conhecimentos e ideias de grande importância para a formação psicossocial e moral de todos os membros de uma comunidade.

Independentemente dos motivos que levam os alunos a visitarem Campo Grande, todos estes possuem um caráter cultural e didático em sua essência. Sejam porque acham interessante, divertido, para passearem, ou para adquirirem conhecimento, todos estes, direta ou indiretamente, procuram informações que possam enriquecer sua visão sobre o mundo e sobre si mesmo, conhecendo sua história e preservando sua identidade. Conforme Almeida (1997), a educação patrimonial é a metodologia mais apropriada para a ação educativa em museus, esta educação visa ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos.

O indivíduo passa a valorizar a comunidade onde vive quando identifica suas afinidades e necessidades com as de outras pessoas que fazem parte desta mesma comunidade. Tão importante quanto a consolidação da identidade local é a necessidade de conscientizar o cidadão sobre o papel que os museus desempenham para o fortalecimento e afirmação de sua própria cultura na comunidade onde vive. A condição essencial é que todos os membros da comunidade sintam-se motivados a participar dos projetos que venham a ser realizados pelos museus, com o objetivo de mantê-los em sintonia com seu universo cultural e identitário.

¹¹ Segundo o famoso psicólogo americano Carl Rogers a aprendizagem, o ato de agregar conhecimentos novos, de nos adaptarmos à convivência com outras culturas nos leva a deixarmos de ser indivíduos para nos tornarmos pessoa.

3.3 A VISITA NO MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO

A interação ocorrida entre o Museu das Culturas Dom Bosco e a Escola Agrícola Arnaldo Estevão de Figueiredo teve continuidade. Desta vez, alunos e professores fizeram o caminho inverso: após a realização da pesquisa na escola, o interesse em conhecer o Museu desabrochou tanto em alunos quanto em professores, e, por iniciativa do próprio corpo docente e da direção da escola, agendamos uma visita ao Museu, ocorrida em 03 de março de 2010, às 08h30, com a participação de trinta alunos e quatros professores da referida escola.

O grupo foi recebido pela pesquisadora no anfiteatro, onde entraram em contato receberam informações sobre os procedimentos normais de visitação adotados pelo museu. Para uma melhor apreensão de informações, recomendou-se que os alunos utilizassem material escolar (caderno e lápis). A pesquisadora sugeriu o uso destas ferramentas para que os alunos pudessem registrar as informações referentes às exposições, durante a visita, mas também as dúvidas referentes ao Museu.

Logo após a apresentação, os alunos foram divididos em dois grupos e realizaram a visita à exposição de longa duração, acompanhados por um monitor e pela pesquisadora. Um grupo, acompanhado pela pesquisadora, iniciou o itinerário da visita pela exposição Xavante, enquanto o outro grupo, acompanhado pelo monitor, deu início a visitação pela exposição de memórias. Este momento foi muito importante, porque assinala a interação entre os estudantes e os educadores museais, estreitando as relações que configuram a construção do saber próprio e despertar do Desenvolvimento Local.

A princípio foi possível perceber os olhos dos participantes do grupo, olhando para os lados, para baixo, para cima, os movimentos rápidos e sem rumo dos olhos perscrutando o espaço museal. O que me assombrou foram suas expressões, transmitindo as emoções do que viam, cenhos franzidos, sorrisos, tristezas, atenção procurada. A oportunidade de conhecer um local de produção de conhecimento revelou ser uma grande experiência pessoal para todo o grupo da Escola Agrícola Arnaldo Estevão de Figueiredo, uma vez que muitos deles nunca tiveram a possibilidade de visitar um museu em suas vidas.

Os alunos mostraram-se muito interessados e participativos durante o percurso da visita guiada. Faziam perguntas sobre os objetos expostos, de que forma eram usados, como viviam os povos ali representados pela estrutura expográfica, corroborando a tese de que a problematização dos usos sociais da memória, das relações e produções materiais e simbólicas do homem ao longo do tempo, em diferentes sociedades e culturas pode contribuir para o desenvolvimento de uma atitude cidadã.

Vários aspectos das Coleções do Setor de Ciências Humanas despertaram sua curiosidade. Perceberam e sentiram-se motivados em decodificar aquele conjunto de signos tão intrigante a ponto de emocioná-los. Diante da exposição Xavante, por exemplo, interessaram-se por saber o porquê da forma em espiral e da escolha daqueles objetos. Diante das explicações perceberam o valor histórico dos objetos e concluímos que realmente:

Os objetos da cultura simbólica e estética de um povo além de serem alvo de admiração, contribuem para a compreensão das muitas facetas das experiências sociais e históricas dos sujeitos. Esses podem ser mediadores na construção do conhecimento, na medida em que os visitantes, a partir de suas mais diferentes reações - espanto, curiosidade, rememoração, emoções - possam interpretá-los em articulação com outros tempos de sua história e da produção de conhecimentos. O objeto é um documento portador de informações e resultado de uma série de ações intencionais, que se iniciam na escolha do material de sua fabricação, de sua forma e sua estética. É a partir desses vestígios de intenções que buscamos decifrar sua função social, seja doméstica, ritual, militar ou fúnebre¹².

O Brasil é um país pluricultural, ou seja, se caracteriza pela diversidade cultural de suas regiões e são essas particularidades culturais que cada região possui que enriquecem e permitem o desenvolvimento cultural do país (GRUNBERG, 1995).

Após a realização da visita à Exposição, foram entrevistados alguns professores e a coordenadora da escola. A professora Juliana Alves, uma das entrevistadas, admitiu que esta era a segunda vez que tinha visitado um museu e que estava impressionada

¹²NASCIMENTO, Silvania Sousa do; ALMEIDA, Maria José Pereira M. de. OBJETOS DE MUSEU, OBJETOS DE ENSINO: INTERPRETAÇÕES DE UM DIRETOR DE UM MUSEU DE CIÊNCIAS Disponível em: www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/epef. Acesso em: 16 de março de 2010.

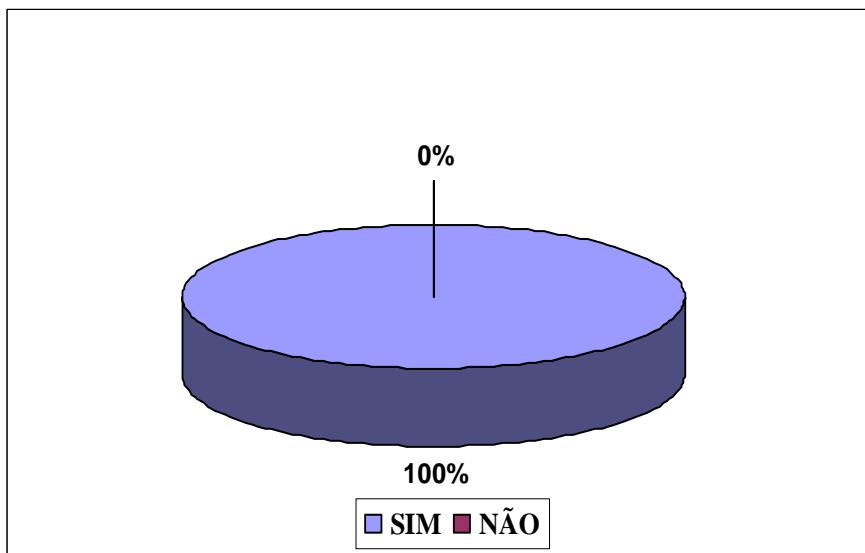
com o novo espaço. Disse que podia compreender os museus como espaços de aprendizagem e de educação, mas que a primeira vez em que visitou um museu não havia percebido o valor da interação entre a escola e o museu. Já a professora Cleonice Chaves da Silva, acredita que visitas aos museus são muito importantes, porque fazem com que o aluno não fique limitado somente ao mundo da sala de aula, além de servirem de subsídio para os professores trabalharem os mais diversos assuntos pertinentes ao seu planejamento.

Adriana Campos, Coordenadora da Escola Agrícola Arnaldo Estevão de Figueiredo, relatou que já havia visitado o Museu das Culturas Dom Bosco no antigo endereço, mas achou interessante a forma como o Museu foi reestruturado, com uma exposição moderna que faz o visitante ficar curioso em relação à cultura do povo ali representado. Segundo Adriana, o museu pode e deve estar a serviço do trabalho do educador. Ressaltou também que o museu é um ótimo instrumento para apoiar pesquisas e referenciar estudos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula. “Como coordenadora, vou incentivar os professores a trabalharem com os alunos o patrimônio local, além de manter as visitas ao Museu com as outras turmas da escola, tendo por objetivo conhecer e divulgar as atividades didático-pedagógicas propostas pelo Museu, para que estas possam ser trabalhadas na escola.”

No que se refere à interação entre os museus e os membros de uma comunidade escolar, Marandino (2000) sustenta que como espaço físico, o museu age como intermediador institucionalizado entre os indivíduos e os objetos que compõem seu acervo. Entretanto, para que essa intermediação venha a ocorrer se faz necessário planejar, organizar e aplicar métodos didático-culturais para que haja a aproximação entre a comunidade escolar e os museus. Por esta razão é que o desenvolvimento local pode ser entendido como um processo de mudança e transformação e, ao envolver o ser humano, representa uma melhoria na qualidade de vida de uma coletividade ou de uma comunidade escolar que faz parte desse processo.

No contexto da pesquisa, foi aplicado outro questionário (Ver apêndice B) aos alunos com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento e interação alcançado pós-visita guiada. As respostas encontram-se, a seguir, dimensionadas em gráficos e respectivas análises.

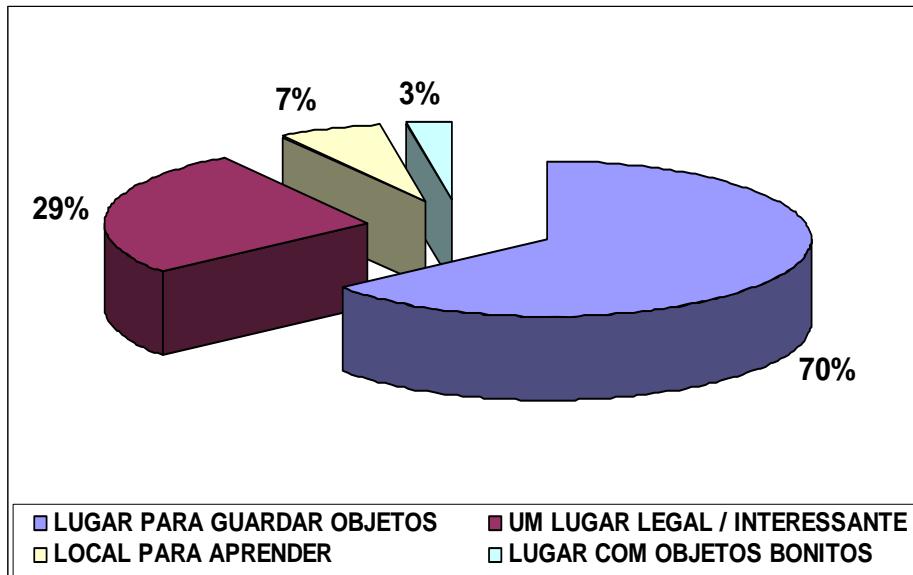
Gráfico 8 - Alunos que acham importante conhecer o Museu das Culturas Dom Bosco



Todos os alunos foram unânimes em discorrer sobre a importância de se visitar o Museu. Essa unanimidade demonstra a necessidade que as comunidades escolares possuem em relação à interação com o Museu, que já é uma referência cultural, pois ao visitar o Museu, o estudante tem a oportunidade de conhecer a importância do patrimônio cultural e passa a tê-lo como algo que é seu por direito, valorizando-o e consequentemente preservando. Deduz-se, assim, que os museus são espaços não formais de ensino privilegiados por serem portadores da cultura e do conhecimento. Sua proposta didático-pedagógica deve ir ao encontro de uma demanda com formação mais ampla e humanista para além dos muros da escola e a da necessidade de diálogo entre instituições de ensino e instituições de culturas (NOLASCO, 2009).

O resultado aponta ainda que o Museu proporciona ao aluno o contato com outro universo com o qual não está habituado a vivenciar de perto- quando muito tal contato se dá através dos meios de comunicação, e ainda assim de forma muito tímida- e que o aluno de hoje está carente desse contato. A possibilidade de adentrar outros territórios do conhecimento onde pode apreender novos conceitos e ideias importantes para sua formação profissional e durante o decorrer de toda sua existência implica que esta interação deve ser um direito garantido aos alunos, pois todos devem ter acesso ao conhecimento e à cultura, que são bens inalienáveis.

Gráfico 9 - Depois da visita, se lhe perguntasse o que entende por museu, o que você responderia?



A maioria dos alunos definiu museus como locais onde são guardados objetos, refletindo o conceito geral que se tem sobre estes espaços, ou seja, de locais onde estão alojados objetos considerados antigos e que possuíam valor de uso só na época em que foram fabricados e utilizados, embora percebêssemos que tinham dificuldades em sintetizar e expressar o que realmente haviam terminado de vivenciar.

Neste aspecto, a atuação dos professores pode tornar-se fundamental, mas poucas escolas têm despertado para a realização de parcerias com os museus, no sentido de construir chances para que estes possam atuar na complementação do ensino referente ao patrimônio cultural e a memória de um local. A participação de professores em programas educativos realizados pelos museus pode possibilitar uma aprendizagem mútua e integradora, reforçando o papel didático-pedagógico dos museus e escolas.

Esta concentração de esforços deve ter por objetivo beneficiar os alunos em seu crescimento educativo e social, sem que as instituições, museus e escolas, esqueçam que devem atuar como gestores no processo que consiste não só em aquisição de conhecimento, mas também na afirmação da identidade e da cultura de uma comunidade como um todo. Santos (1999) afirma que totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a totalidade não bastam para explicá-la. Ao

contrário, é a totalidade que explica as partes, cada coisa nada mais é do que uma das partes do todo. Desta forma, é imprescindível a participação conjunta de alunos, professores e dos museus, para que o Desenvolvimento Local possa se dar de maneira plena e contínua.

A desmistificação dos museus como locais onde estão amontoados objetos antigos e sem nenhuma utilidade deve existir, mas para tanto é necessário que este trabalho de conscientização seja iniciado com os próprios alunos nas escolas, cabendo aos museus e professores o papel de divulgadores da ação educativa dos museus para os alunos, que por sua vez também devem atuar como divulgadores dos museus e de suas funções como espaços produtores de conhecimento, de cultura junto à sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou demonstrar a possibilidade de se criar relações interativas de caráter socioeducativo entre o Museu das Culturas Dom Bosco e as comunidades escolares, mediante a realização de ações conjuntas entre o Museu e a Escola Municipal Agrícola Governador Arnaldo Estevão de Figueiredo.

O Museu e as escolas devem ser espaços de encontro de professores, alunos, pais, profissionais de diferentes áreas e a sociedade em geral. Devem constituir espaços artísticos, poéticos, lúdicos, tecnológicos, científicos, ambientais, de educação e animação cultural, que possibilitem o crescimento cultural e social dos alunos. Devem ser espaços privilegiados para o lançamento de atividades, projetos culturais e outras iniciativas que visem à ampliação dos horizontes de toda a comunidade escolar, no que se refere ao conhecimento e à cultura.

O contato direto do Museu com alunos e professores da escola foi de grande importância para se delinear os objetivos da pesquisa e traçar um perfil do interesse dos estudantes da Escola Municipal Agrícola Governador Arnaldo Estevão de Figueiredo em relação ao Museu das Culturas Dom Bosco. Após a realização das oficinas na escola, foi possível observar um grande interesse por parte dos professores de participarem de atividades didático-pedagógicas no Museu, mediante a realização de visitas frequentes. Tal interesse dos professores também se deve ao fato de a escola estar localizada em uma área rural, o que muitas vezes dificulta a vinda dos alunos para Campo Grande, e, consequentemente, as visitas a outros espaços culturais.

O entusiasmo observado nos alunos demonstrou a importância e a necessidade de se trabalhar com as escolas conceitos diretamente ligados ao Desenvolvimento Local, como patrimônio cultural, memória, território e territorialidade.

As comunidades escolares estão muito próximas do conhecimento e da cultura, uma vez que tem acesso a estes, mas ao mesmo tempo se encontram distantes, por não terem um contato direto com o saber, por falta de políticas que venham a propiciar esta interação, fundamental para o crescimento sociocultural dos alunos.

Durante a pesquisa realizada, os alunos puderam esclarecer suas dúvidas e curiosidades a respeito de questões como: O que é o Museu? Qual o seu papel? Os museus devem ter como uma de suas principais missões trabalhar em conjunto com as comunidades escolares para o despertar das potencialidades culturais e educativas das escolas e destes de forma efetiva, sem nunca se esquecer que tanto alunos como professores devem estar envolvidos nos processos de desenvolvimento sociocultural, possibilitando que o Desenvolvimento Local se dê em suas mais variadas instâncias, sejam elas educativas, culturais e sociais.

Sem dúvida, o Museu das Culturas Dom Bosco constitui um patrimônio cultural de inestimável valor para Campo Grande. Sua importância não se restringe apenas à capital de Mato Grosso do Sul, mas também ao Brasil e ao exterior. A cultura e informação nele existentes nos dão ideia de sua singularidade e de seu papel como instituição voltada para a formação educacional do cidadão.

Dentro deste contexto, as escolas devem ter o direito e o dever de conhecer este patrimônio cultural, que, como já foi dito antes, é seu por direito. Trata-se de sua maior herança em termos culturais. A participação da escola pesquisada ressalta a importância em divulgar e valorizar o acervo histórico existente no Museu das Culturas Dom Bosco para outras comunidades escolares, dando consistência ao Desenvolvimento Local e fortalecendo seu processo de consolidação, que deve ser contínuo e ininterrupto e de forma conjunta, uma vez que o Desenvolvimento Local se dá por meio da soma de esforços direcionados ao bem comum e à coletividade.

Espera-se, desta forma, que os alunos tenham compreendido o valor cultural e didático que o Museu das Culturas Dom Bosco possui, e que estes assumam seu papel de gestores do patrimônio local. Somente assim todos os segmentos da sociedade podem ser beneficiar, possibilitando uma sociedade mais justa igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana, Mortara. *Desafios da relação museu-escola*. Comunicação & Educação , São Paulo.Moderna, v. 10, p. 50-65, 1997.

ALMEIDA, Adriana, Mortara. Catálogo São Paulo. 2006. Disponível em <http://www.cenpec.org.br/modules/editor/arqpopup>. Acesso em: 17 de março de 2009, 14h 20'.

ANTORANZ, Maria, Antonia. *El museo: um espacio didáctico y social*. Portugal ed. Mira Editores, 2001.

ÁVILA, Vicente Fideles. *Cultua de sub /desenvolvimento e desenvolvimento local*. Sobral – CE: ed.Uva, 2006.

AVILA, Vicente Fideles de. *"Paciência", capitalismo, socialismo e desenvolvimento local endógeno*. **Interações**, Campo Grande. v. 9, n°. 1, p. 85-98, Jun. 2008.

BAY, Dora. M.Dutra. Museu e Escola: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos. Acesso em: 15 de março de 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. Companhia da Letras, 1998.

BONEMAISSON, Joel. *Viagem em torno do Território*. In: ROSENDHAL, Zeny e CORRÊA Roberto Lobato (Orgs.) *Geografia cultural*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BUTTIMER, Anne. *Aprendendo o dinamismo do mundo vivido*. In: Christofoletti, A. *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Ed. Difel, 1985.

CHAGAS, Mário. Há uma gota de sangue em cada museu – a ótica museológica de MÁRIO DE ANDRADE. Chapecó: Argos, 2006.

COSTA, R. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva*. Interface - **Comunicação, Saúde, Educação**, v.9, n.17, 2005.

CASTILHO, M.A. *Roteiro para elaboração de monografia em ciências jurídicas*. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

COSTA, Edgar Aparecido da. *Sistemas Agrícolas e Sustentabilidade na Microrregião Campo Grande-MS*. 2004.240f. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Presidente Prudente/SP, 2004.

DEYON, Pierre. *O desenvolvimento territorial*: contexto histórico; análises e reflexões. Disponível em: <http://www.france.org.br>. Acesso em 10 de junho de 2005, 12h 28'.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Movimento social como categoria geográfica*. In **Revista Terra Livre** nº 15. p.59-85, São Paulo,2000.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia, Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. IN: CAVALCANTI, Clovis. Trabalho para Discussão. N° 104, 2001.

Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/tpd/104.html>. Acesso em:05 de maio de 2008, 18h 21'.

GRUNBERG, E., *Educação Patrimonial-Utilização dos Bens Culturais como Recursos Educacionais*, ENCONTRO DE MUSEUS DO MERCOSUL, São Miguel-RS, 1995.

Gruzman, Carla e Siqueira, V. H. F. O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias* Vol. 6, Nº 2, 402-423, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAMMAN, Robin. *Computer networks linking network communities: effects of AOL useupon pre-existing communities*. 1999.
Disponível em <<http://www.socio.demon.co.uk/cybersociety/>>. Acessado em 10/11/2002

HAESBAERT, R. Da Desterritorialização À Multiterritorialidade. 2005
Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo. Disponível em: http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf. Acesso em: 20 de janeiro de 2010

HELLWIG, A. W. *Museu, memória e identidade pomerana: uma correlação local*. Pelotas: Fundação Simon Bolívar, 2008.
Disponível em <http://www.fundacaosimonbolivar.org.br/downloads/slartigo5.pdf>. Acesso em: 09 de abril de 2009, 13h 20'.

KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. Disponível em http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_colletiva.pdf. Acesso em: 13 de abril de 2008, 11h18'30'.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 15. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LOUREIRO, S. A. G. *Identidade étnica em reconstrução: a ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo na perspectiva existencial humanista*. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

MARTINS, Sergio Ricardo Oliveira. *O Desenvolvimento Local*: questões conceituais e metodológicas. In. **Interações**, Campo Grande. v.03 n° 05, p.51-59, Set.UCDB, 2002.

MARANDINO, Martha. *Museu e escola*: parceiros na educação científica do cidadão. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MALDONADO. Rafael. *O sentido do museu*: desafio na contemporaneidade. **Marco Cultural**: questões contemporâneas em debate, Campo Grande, p.55-61, ed.UFMS, 2008.

MINISTÉRIO DA CULTURA, IPHAN. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2^a ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do; ALMEIDA, Maria José Pereira M. de. **Objetos de Museu, Objetos de Ensino: Interpretações de um Diretor de um Museu de Ciências in**. Disponível em: www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/epef. Acesso em: 16 de março de 2010.

NOLASCO. Simone. Ribeiro. A Educação Patrimonial e os Museus Históricos no Processo de Formação de Professores. Disponível em: <http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt10/Comunicacao/pdf>
Acesso em: 10 de março de 2010.

OLIVEN. Rubens George. *Patrimônio intangível*: considerações iniciais. In: ABREU, R., CHAGAS, M (org). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos, Rio de Janeiro: ed.DP&A, 2003.

Polinari, Marcelo. *Patrimônio cultural imaterial* (Ensaio) ANAIS DO XI ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH/PR “Patrimônio Histórico no Século XXI” Maio de 2008.

PRIMO, Judite Santos. *Pensar contemporaneamente a museologia: teoria e prática* **Caderno de Sociomuseologia**. n° 16. ed.ULHT, 1999

PLUMMER, Ken. Identidade. In: ___ Dicionário do Pensamento Social do Século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SANDRA C. A. Pelegrini. *Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambientAL*. **Brasileira de História**, São Paulo. vol. 26, n°. 51 Jan./Junho 2006.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. O papel dos museus na construção de uma “Identidade Nacional”. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 28, 1996.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Museu e comunidade: uma relação necessária*. 2000. Texto a ser apresentado na 13ª REUNIÃO ANUAL DO INSTITUTO BIOLÓGICO, a ser realizada em São Paulo, no período de 6 a 11 de novembro de 2000. Disponível em:http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_COMUNIDADE_2.pdf.doc Acesso em 15 de set. de 2008, 17h. 16'.

SACK, R. *Human Territoriality: its theory and history*: Cambridge University Press. 1986.

SOARES, A. R. (org.). *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Santa Maria, ed. UFSM, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO I. E. et al. (Orgs.). *Geografia - conceitos e temas*. Rio de Janeiro: ed.Bertrand Brasil, 1995.

Studart, D. C. *Educação em Museus: Produto ou Processo?* (Dossiê CECA-Brasil). *Musas Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 34-40, 2004.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

Rogers, C. R. *Liberdade para aprender*. Tradução de Edgar de Godói da Mata Machado e Márcio Paulo de Almeida. Belo Horizonte, Interlivros de Minas Gerais. 1971.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002

ZAPATA, Tânia. *Estratégias de desenvolvimento local*, 2006. São Paulo: Disponível em: <http://www.sesirs.org.br/conferencia/conferencia2005/papers/zapata.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2009.

Artigo de Jornal:

LUGO, B. D. *Padre João Falco Homem de Deus*. **Jornal A Crítica**, Campo Grande-MS, 26 jan.1997, p.18.

Sites consultados:

SMUSEU DOM BOSCO. Disponível em: <http://www.museu.ucdb.br/index.php?menu=histórico>. Acesso em: 26 nov., 2008.

ESTADO MATO GROSSO. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/wps/portal?=Cultura//com.ibm.workplace.wcm>. Acesso em 05 de julho de 2009.

CONCEITO DE COMUNIDADE. Disponível em: <http://www.lenderbook.com/comunidade/index.asp> Acesso em: 21 de julho de 2009.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Disponível em: <http://www.brasilia.unesco.org/areas/cultura/areastematicas/museus>. Acesso em 18 de junho de 2009

Outras referências:

MISSÃO, SALESIANO DE MT. **Carta Mortuária**, Campo Grande-MS, 2 abr.1997.

Arquivo Histórico do Museu das Culturas Dom Bosco: Ata de Inauguração, Cartas e Ofícios.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista aplicada à comunidade escolar.

- 1) Você já tinha ouvido falar sobre o Museu das Culturas Dom Bosco?
Sim () Não ()

 - 2) Você conhece outros museu(s)?
Sim () Não ()

 - 3) Você tinha curiosidade em conhecer o Museu das Culturas Dom Bosco?
Sim () Não ()

 - 4) Você sabia que o Museu das Culturas Dom Bosco está localizado em uma reserva ambiental?
Sim () Não ()

5) Onde você mora?

R: _____

6) Você vem sempre a Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul?

R: _____

7) O que significa visitar uma capital para você?

R: _____

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista aplicada no Museu das Culturas Dom Bosco

1) O que lhe impressionou no Museu?

R: _____

2) Depois dessa visita, se eu te perguntasse o que devemos entender por museu o que você responderia?

R: _____

ANEXO A

Pedido de Autorização

À Direção

Eu, *Rejiane Platero Ferreira*, estou desenvolvendo uma pesquisa que é tema da minha dissertação de mestrado pela Universidade Católica Dom Bosco na área de Desenvolvimento Local e Educação em Museu. O foco de minha pesquisa refere-se às interações que ocorrem entre os alunos e o Museu das Culturas Dom Bosco durante as visitas. Sendo assim, solicito a autorização de sua instituição para realizar uma breve apresentação do Museu e aplicar um questionário aos os alunos durante minha visita à escola e a visita ao Museu das Culturas Dom Bosco.

Declaro que os questionários e as fotografias serão utilizados unicamente para o desenvolvimento da pesquisa e, portanto, não serão utilizadas unicamente para o desenvolvimento da pesquisa e, portanto, não serão veiculadas para fins que não sejam acadêmicos aqui solicitados.

Agradeço antecipadamente pela colaboração;

Atenciosamente;

Rejiane Platero Ferreira

Campo Grande, 02 de março de 2010.